



Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









**A PROVIDENCIA.**



# A PROVIDÊNCIA.

POR

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA.

(RECORDAÇÃO DOS TEMPOS COLÔNIAES.)

---

**TOMO I.**

---

RIO DE JANEIRO 1854.

TYPOGRAPHIA DE M. BARRETO

RUA DA QUITANDA N. 55.



# PROLOGO.

## QUEIXA-TE DE TI MESMO.

Não desprezeis os factos, por pequenos que se vos asfigurem em sua origem ; porque certos acontecimentos, que parecem algumas vezes sem significação, vão de tal maneira avultando, que se tornão extraordinários, como as ondas do rio, que quanto mais se apartão de sua nascente, mais se entumecem, rolando mais grossas e mais espumosas.

Na noite do dia 19 de julho de 1710 (e borras-cosa era ella) pelas 9 horas, pouco mais ou menos, parou uma cadeirinha junto de uma casa no becco do Cotovello. Esta casa, pela sua apparencia má, e até um pouco immunda, revelava que abastada não era ella, e nem lá muito asseada a pessoa que a habitava. Parada a cadeirinha junto dessa casa, um mancebo, que parecia não ter muita vontade de ser conhecido, e que acompanhára a cadeirinha, bateu á porta com alguma cautela. De dentro alguem perguntou :

— Quem é ?  
— Seu criado, respondeu o mancebo.

A porta foi incontinente aberta, e uma pessoa que apareceu perguntou ainda :

— O que quer ?  
— Fallar á Sra. Maria Rita.

Tendo o mancebo assim respondido, a pessoa retirou-se, e a dona da casa, sem se fazer muito esperar, veiu fallar á pessoa que a procurava.

A Sra. Maria Rita era uma matrona de mais de cincuenta annos de idade, em demasia gorda como um frade volho, alta, de cabellos grisalhos, feia o seu tanto ou quanto, e mal alinhada. Este personagem, que para fazer-lhe inteira justiça nada tinha de agradavel e menos de sympathico, chegou á porta, abriu o postigo da rotula, e, em relevo, encaixilhando nelle uma cabeça involvida em um lenço de tabaco, dirigiu-so ao mancebo, dizendo :

— Aqui estou : o que me quer ?

— Precisa-se da sua pessoa, respondeu o mancebo.

— Onde ?  
— Na rua dos Ferradores.  
— Muito acima ?  
— Quasi a sahir ao campo de Sant'Anna.  
— Mas como hei de ir agora ?  
— E porque ?  
— Porque chove a cantaros !  
— Está ali uma cadeirinha á sua disposição.  
— Ah ! assim sim. Já ?  
— Sem a menor demora.

A Sra. Maria Rita tomou uma já usada saia de lemiste, apertou o seu desbotado gibão de cabaia, e poz sobre os hombros o seu capote de droguete ; assim ataviada, tirou de uma grande e suja caneca que estava sobre uma velha mesa um ramo de arruda, e, sahindo, entrou na cadeirinha, onde es-carranchou-se voluptuosamente com ares de uma grande Chineza em um soberbo palanquim. O mancebo, depois de cerrar as cortinas e fecha-las cuidadosa e discretamente, mandou a dous possantes escravos pretos que pegassem.

Bem que o narrador não tivesse préviamente dito que na porta desta casa havia pintada uma gorda cruz, comtudo o leitor terá talvez comprehendido que a Sra. Maria Rita era, sem tirar nem pôr, uma parteira.

Os carregadores da cadeirinha, já adestrados, seguirão pela rua de S. José, tomároa pela Detrás do

Carmo, subirão pela do Cano até o canto do Bom-Sucesso, caminháram pelas ruas da Quitanda, voltáram pelas do Ouvidor, entráram pelas das Ourives, e forão até a rua do Alecrim, descêram por esta, e se introduzirão em uma casa não muito distante da rua Direita.

Durante este caprichoso e extravagante trajecto a Sra. Maria Rita, tentada da curiosidade, procurou abrir as cortinas da cadeirinha; mas foi-lhe impossivel, tão bem fechadas estavão ellas.

A parteira achou-se em uma casa de sobrado sof-frivelmente arranjada, e ahi encontrou uma joven senhora, mimosa como as Graças, bella como o Amor, e encantadora como devem ser os anjos. Esta singular belleza entregou-se aos cuidados da Sra. Maria Rita, não sem um mysterioso temor, e começou de aguardar o momento mais doloroso e tambem o mais consolador. A parteira, que não passava de uma curiosa, principiou a pôr em practica toda a sua charlatanica habilidade.

Entre as 11 horas e meia noite a bella senhora estava livre, tendo dado ao mundo um bello menino, que, apenas enfaixado, foi entregue a uma ama, que já prompta e esperando estava. A senhora, não tendo a menor novidade, em consequencia do que se tornasse precisa a presença da parteira, a retirar, o que immediatamente foi executado com as mesmas cautelas.

Tres dias depois diversas turmas do commissarios, de pequenos negociantes e de vadios estavão

na praia de Santa Luzia, morro do Castelloe largo de Palacio, vendo entrar a galera *Aurora*, que das Indias Orientaes viera a Lisboa, e da metropole portugueza vinha para o Rio de Janeiro.

O bello navio, apenas em gaveas, com suas veulas enfundadas pela *viração* da tarde, cortava altiva e vitoriosamente as ondas da *bahia de Nitherohi*; e tendo ferrado as velas um pouco acima da fortaleza de Villegagnon, no logar chamado o Poço, arreou ancoras, e deu fundo.

Amarrado o navio, desferrou de seu bordo um escaler guarnecido de seis remadores, e aproando ao largo de Palacio, começou de vogar para terra com um remar compassado e cadente: poucos minutos depois o escaler abicou á praia, onde saltáram diversos personagens. De todos elles o narrador só se occupa de um, e do qual vai fallar.

Era elle um mancebo de regular estatura, filo de corpo, de cabellos acastanhados, claro e pallido, não obstante os sóes de tão longa viagom, rosto un tanto quadrado, maçãs salientes, testa pequena e alguma cousa deprimida, olhos pequenos, redondos e osgateados, olhar vago, boca não muito grande, labios excessivamente finos, barba bastante espessa, e nisl physionomia tristouha e ar carregado. Apenas este personagem pôz pé em terra, outro mancebo, quo parecia esperá-lo, dirigiu-se a elle: os dous, depois de um aperto de mãos e uma saudação em quo se revelou toda a franqueza e liberaldade quo professão os hemens do

mar, encaminhárao-se para uma taberna que vendia comida feita, e ahi entrárao. O mancebo que esperava disse :

— Como vens mudado, meu Graciano !

— Sim ! Então em que ? perguntou o recem-chegado.

— Vens mais gordo, mais corado. E como te crescêrao as barbas durante a viagem ! tinhas buço apenas quando daqui te foste ! Com mil diabos ! até me parace que cresceste mais !

— Bem mal feito seria se não crescessem os bens a um homem.

— Sim... sim.... e principalmente os de raizes.... Então, meu Graciano, fizeste feliz viagem ?

— Muito feliz.

— Com efeito eu o esperava. Apezar porém de seres muito entendido na arte do mar, bem poderosos devem ser os teus protectores.

— Porque ?

— Porque nunca se confiou um barco como a Aurora, mórmente para uma viagem de cabos a dentro, a um piloto dé 24 annos, como tu.

— A idade não dá saber.

— Mas dá prudencia e juizo.

— Petas. Vamos ao que serve : que novidades ha ?

— Algumas.

— Boas ou más ?

— Que sei eu ? Tu és quem-as deve julgar.

— Minha mulher ?

— Teve a sua criança ha tres dias.

— Bravo !!!

— Que te faça muito bom proveito.

— E a criança ?

— E' um menino.

— E como soubeste de tudo isto ?

— A mesma chave que serve para fechar uma porta serve para abri-la : não pensas assim ?

— Explica-te.

— Fechárao a boca á parteira com quatro dobras, e eu abria-a com outras quatro.

— Para onde foi a criança ?

— Para a casa do Coelho. —

— Quanto ao mais, creio que sei tudo ?...

— Salvo se fores um pedaço d'asno.

— E elle ?

— Viveu bem a seu gosto durante a tua ausencia.

— Muito estimo.

— Ao menos durante as noites estava em tua casa como vilão em casa de seu sogro.

— Eu lhe darei os parabens.

— Queixa-te de ti mesmo.

— Porque ?

— Porque embriagado de tua fortuna, tu o provocaste.

— E que queres dizer com isso ?

— Que visto teres sido imprudente até agora, convém que sejas mais prudente de agora ávante.

— Fico-te obrigado pelo conselho, mas não to pedi.

— Ah ! mas é cousa que gostamos de dar de graça, e ainda sem nos pedirem.

— Adeus.  
— Para onde vás ?

— Ora é boa ! Para onde se não para a minha casa ? !

— Então até amanhã.  
— Até amanhã.

Os dous se despedirão.

Graciano, o piloto da galera *Aurora*, poucos minutos depois entrou em sua casa na rua do Alecrim. Ahi achou a Alexandrina, sua joven e formosa mulher, enferma, e na cama. Graciano não perguntou-lhe qual era a sua enfermidade, nem ha que tempo estava doente.

Entretanto elle se mostrava alegre, satisfeita e, o que mais era, complacente para com sua mulher.

A principio Alexandrina temeu esta indiferen-  
ça, mas afinal tranquillisou-se.

Um meze depois da chegada de Graciano, a mor-  
te rubricou em sou grande e tremendo livro mais  
um nome. Alexandrina, na flor de seus bellos annos,  
no adoravel viço de todos os seus encantos,  
pranteada por seu marido, quasi subitamente ca-  
hiu do sor em o nada. Graciano, chorando a sua  
bella consorte, despediu-se da pilotagem da galera  
*Aurora*, e ficou por algum tempo desembarcado.

Agora o narrador leva seus leitores aos factos en-  
cadeados que tiverão logar, não poucos annos de-  
pois do que se acaba de narrar neste prologo.

O narrador aproveita a occasião para declarar aos  
seus leitores, se lhe perguntarem no fim desta his-

toria quem é o heróe della, e qual a acção prin-  
cipal, que elle os não quiz designar abertamente : o  
que porém o narrador declara mui positivamente  
é que os factos aqui mencionados são acontecimen-  
tos da vida humana ; embora nelles se compliquem  
personagens tão importantes, que se torne difícil o  
assignar-se-lhes o plano positivo em que devem fi-  
gurar ; embora elles sejam de tal maneira prepon-  
derantes, que se não conheça á primeira vista qual  
a acção principal que sobre o todo domina.

Não obstante, o leitor judicioso verá que todos os  
factos se reunem afinal na vida de um homem, que  
todavia não parece ser o principal personagem, ao  
menos em grande parte desta historia : e então no  
fim della, ou quasi no fim, o leitor notará clara-  
mente o alvo que o narrador quiz ferir, e a morali-  
dade de sua historia.

O narrador pede ainda ao leitor, se alguma vez  
notar no curso desta historia algum lance ou traço  
menos moral, que se não arripie ; pois que em his-  
torias taes, nem sempre se podem evitar rasgos de  
tal natureza. Em todo o caso, essas mesmas scenas,  
que parecem immoraes, tem o seu proveito e bem  
positivo.

Lembre-se o leitor destes dous versos de Bocage :

« Do crime os quadros a virtude apurão ;  
« Esalta-se a moral n'horror ao crime ! »

# A PROVIDENCIA.

---

## CAPITULO I.

### NARCISA É AMBICIOSA.

E' tão amavel um generoso orgulho no coração de uma mulher, como detestável uma vil ambição. O orgulho pôde elevar sua alma e inspirar-lhe boas ações; a ambição não pôde senão abatê-la, e inspirar-lhe ações infames, e até criminosas.

Não longe do oceano, distante poucas leguas, e ao norte do Cabo Frio, assenta-se um estabelecimento rural, que fôra outr'ora propriedade dos labiríos filhos de Loyola, quando a companhia de Jesus, abalada por uma fé viva, inabalável e gloriosa, armada da palavra, essa arma divina com que Deus sanctificâra o homem, levava em triunfo o labaro do christianismo do oriente ao occidente, e do septentrião ao meio-dia, fazendo retroar a boa-nova desde os tectos de porcellana do Celeste Imperio até o sapê das cabanas das regiões incultas do novo mundo!

Para que este estabelecimento tivesse tudo quanto é mistar para tornar importante uma propriedade agricola, basta dizermos que pertencia aos jesuítas: porque estes homens habeis e científicos parecião jámais esquecidos da maxima do fabulista latino: « Se o que fazemos não é util, a gloria é estulta. » Assim les sabião em suas cousas casar sempre o util com o agradável.

O estabelecimento de que se fala, e que em tempos desses padres se cliamava — Fazenda de Santo Ignacio de Campos-Novos, — ainda hoje existe com o simples nome de Campos Novos.

Hoje, bem quo não pouco amesquinhada, ella tem bosques, onde vegetão preciosas arvores, procuradas já para a tinturaria, e já para constar tanto navaes como urbanas e rurais. Tais

ueas para todo o genero de lavouras do nosso clima, campinas immensas cobertas de pingues pastagens, e todas estas magnificas disposições da providente natureza presididas e veladas por verdadeiras intelligentias, tornavão a fazenda de Santo Ignacio de Campos Novos um dos mais notaveis estabelecimentos ruraes da comarca de Cabo Frio, município hoje tão agorentado, quanto naquelles tempos, de vasto que então era, destendia-se dos Campos dos Goytacazes até Maricá!

Hoje vós ainda encontrareis nessa bella fazenda bem que em algumas partes cançadas, todavia com muitas, terras ferteis, e em nenhuma ingratas. Vós encontrareis ainda uberrimos pastos, cobertos de nédios gados de todas as especies, que os lavradores soem criar em seus campos. Vós encontrareis ainda alguns pequenos bosques, onde como uma reliquia dos tempos heroicos da vegetação littoral do nosso Brasil, apenas depararão vossos olhos com uma arvore, sobre cuja cortiça, ainda nova, apenas se terá deslisado a metade de um seculo, ou um seculo inteiro, quando muito, e cujo tronco debalde espera attingir a essa grandeza secular desses selvaticos gigantes da vegetação, criaturas talvez ante-de-

luvianas, porque não perecerão nas chuvas de qualq[ue]ias e quase ta noites, resistindo á inundação de cento e vinte dias, e que por isso assistirão, quem sa

omnipotente FIAT dos tres

últimos dias da criação! Sim, e debalde esperava que o profeta maldito do deserto  
vias lá vai decepar em meio a sua pompa  
cida!

Herdámos dos pais europeus os vícios ;  
não é porém este o rego! da Jeremiada sobre a  
destruição das mattas do Brasil.

Distante desta fazenda (para o éste pouco mais ou menos) um quarto de legua talvez, erguia-se uma choupana, coberta de tiririca, e cujo repartimento consistia em uma acanhada sala, dous pequenos quartos, e uma enfumaçada cozinha onde se levantava um girão. Uma velha mesa com duas gavetas, sobre a qual se assentava um tosco oratório, dous bancos pouco delicados, dous mochos, e duas banquinhas em que costumava a se assentá as senhoras para coser ou fazer rendas, era toda a mobilia da sala. Na parede pendia de uma bruta estaca uns velhos arreios, e a pouca distancia, de outra igual estaca, um laço de couro, um par de esporas de ferro e um azorrague. Além destas cousas havia encostado a uma parede um banco de carpinteiro, e debaixo delle um cesto com a respectiva ferramenta. Em um dos quartos dormia um marido e sua mulher, n'outro uma sua filha, e sobre o girão da cozinha um preto escravo.

Só nada sobrava, também nada faltava. Nesta pequena família encontrava-se o muito, o pouco e o suficiente: muita saúde, poucos meios, e suficiente felicidade; mas estas coisas não eram por todos estes indivíduos igualmente partilhadas. A saúde e os poucos meios eram do marido; estas mesmas coisas e a suficiente felicidade pertenciam à mulher; mas o escravo, que acreditava ter muitos meios e muita saúde, não se julgava suficientemente feliz. A filha se acreditava muito sábia, pouco favorecida da fortuna, e nada feliz. Esta moça chama-se Narcisa.

Era pois Narcisa o nome da joven que se representava infeliz. E' dificil de acreditar que uma moça, nascida no campo, não tendo, positivamente fallando, conhecido o vicio, vivendo, por assim dizer, em um quasi estado do innocencia, atingindo aos seus quinze annos, filha unica, idolo de sous-pais, sem pensao alguma, sem o menor incommodo, gozando de uma vigorosa saude, se tinha por infeliz ? ! Amaria por ventura esta pobre menina, e amaria a um coração de pedra sobre cuja rigideza se fossem vâmente d'pedaçar seus amorosos suspiros, como os suspiros do zephyro se vio-

... daçar inuteis sobre o inabalavel granito do ro-  
redo das serras? Mas Nossa é formosa e de tão  
bella que é, não pôde ser assim tão dolorosamente  
desprezada; mas que importa isso? Não se ama uni-  
camente o engracado, o formoso e o bello; quando  
se ama, ama-se porque se ama: ama-se *um não*  
*sei que indefinivel por um não sei que indecifravel.*

Assim, quando até fosse ella de uña formosura perfeitamente angelica, não é por demais caprichoso e extravagante o coração humano? Amará ella a alguém, que terna e apaixonadamente responderei a seus amores, e quando suas enamoradas almas se ião exhalar em ternissimos devaneios de effusões eroticas, esse alguém lhe fosse rapidamente arrebatado pela insensivel mão de ferro de enlutadora desgraça? Não, Narcisa não ama, nunca amou, e até dificilmente amará! Ora eis um pequenino mysterio! Assim parece, mas esse mysterio, grande ou pequenino, fica completamente aclarado, declarando-vos, leitor, que Narcisa é ambiciosa!

Apezar desta declaração, nem por isso fica o mys-  
terio muito aclarado. Como é que uma rapariga  
nascida no campo, longe do luxo, alheia ás eti-  
cas, estranha ás modas das cidades, em um log-  
por sua natureza isento das grandes necessi-  
des e dos grandes gastos, que indispensavel-  
mente os logares populoses, como é que uma  
riga nestas circumstancias é ambiciosa?

Com efeito, parecem-me judiciosas taeções, mas convém que o leitor saiba que o sentimento de ambição que nutria a joven Nisa, se não foi em seu novo coração do proposição plantado, foi ao menos desenvolvido e alimentado por imprudentes conversações à sua vista, mas muitas vezes sustentadas; porq no fundo da pobreza que vivia, ignoraria sempre, se lhe não dissesse a e havia no mundo bellos adereços de brilhantes perolas, preciosas pulseiras, magníficos relícarios, pingentes o arrecadas. colla muitas joias de ouro. Ela sabia nem suspeitava da existencia de suas mobilias, de ricas copas e de brilhanteas. Ella jámais pensou em que a India ia para a Europa mimosa caixinhas de de Macão, e riosidades de marfim, de bambú, de seda. Ella não se havia, nem jámais tinhado com esses voluptuosos jardins orientais em esses celestes oasis da mão do homem. Agrosas cópias, que quasi se avançavão bons sobrenaturaes modelos, isto é, a esses jar-

dins encantados, artefactos de uma noite, ou ainda de menos; theatros, em que, em algumas horas de uma noite, representavão os espiritos elementares (genios e fadas) os mais interessantes, e as vezes bem pathéticos dramas do anior e do ciumo, e cujas peripécias erão quasi sempre a total desaparição dos actores e dos theatros, como no-lo representão escondidas, mas sobremaneira ferteis e vaporosas cabeças dos poetas orientaes! Ella já mais tinha cubigado em sua infancia ver, quanto iria possuir essas bellas alamedas, essas graciosas ruas do verdura, esses arbustos symetricos, essas arvores em harmonia, essas palmeiras do Levante em renque, essas moutas de myrtlo, essas touceiras de bambiís, essas flôres de tal maneira combinadas, que seu colorido eucantasse aos olhos, quando seu perfume embriagasso ao olphato, essas crystallinas fontes, tão artificiosamente dispuestas, quo aqui gemião despedaçadas, acolá sorrião-se n'um remauso, e além ião tranquillas espraiarem suas espumantos ondas n'um lago, para cheias de orgulho verem em seu liquido crystal mirarem os tremulos raios os passageiros astros do céo.

Narcisa, em verdade bastante formosa, pretendia sê-lo demasiadamente. Seus longos cabellos, que desatados desciam abajo de sua cintura, erão de um louro verdadeiramente oncantador! Os ardores do sol, a que algumas vezes se expunha esta amavel camponeza, sem terem desbetado as rosas de suas frizes, tinham com efeito trahido a brancura dos jasmins de que se compunha seu rosto; mas estes insultos do sol em seu rosto impressos, longe de deslustrarem os seus graciosos encantos, prestavão-lhes mais feitiços, davão-lhes mais realces! não obstante porém os longos desse moreno, um ligeiro excesso, um laive de pudor, um assomo de colera, pintava em suas faces o rôxo da perpetua, e cobria todo o seu rosto do bello vermelho da rosa. Seus olhos um pouco grandes, que reflectião o suave azul dos céos, erão de um movimento rapido, de uma foficeira viveza, revelando uma penetração momentanea, mas pouco sagaz; sua boceca, de um vivo cor de rosa, era pequena e encantadora, quando ornada de um seductor sorriso, seus dentes erão alvos e bellos, seu pescoco altivo, seu corpo esvelto, e sua figura elegante; uni a isto as mais bellas formas, e uma gravidade digna de um bom senso, e aqui tendes uma mulher ambiciosa, cheia de vaidade, mas bella e bastante bella!

Narcisa tinha pela primeira vez ouvido fallar de joias, de ouro, de diamantes, de rubis, de esmeral-

aldas, de saphyras, de crysolitas, etc.; de trastes, de prata, de vasos de crystal, de porcellana, de agatha, e de todas essas magnificencias que adornao com tanta pompa os sumptuosos palacios dos grandes, como os vasos de prata o ouro, e as alfaias e paramentos de velludos, damascos, sedas, brocados, e outros estofos que adornão os templos da divindade: tinha ouvido pela primeira vez, e muitas depois ouviu, sem que todavia sua attenção ahí se fixasse de uma maneira positiva; tambem ella era tão criança quando estas cousas pela primeira vez ferirão seus ouvidos, que lhes não podia prestar uma mui séria attenção.

A idade que a mulher menos aprecia, porque não a pôde apreciar, é por sem duvida aquella em que com toda a innocencia de seus novos annos, brincando com suas bonecas, improvisa-se mali, se finge comadre, ou se asfigura madrinha: esses parentescos posticos, um baptisamento ficticio, todas essas chimeras de sua risonha infancia, ocupão deliciosamente sua incerta imaginação, e onchem sua alma, ainda virgem, e tão pura como as suas chimeras: offendêr a essas bonecas seria ferir-lhes o coração, e feri-lo bem no amôgo! e no entanto a menina, virgem ainda de ambições, finge uns seios, que mais tarde serão reais, asfigura-se mali, e deseja, com toda a innocencia de sua alma tão candida, tão joven e tão pura, que chegue a epoca da puberdade, a quadra de seus amores, tempo que o instincto a faz prever de tão longe! Fobra menina! Ama as bonecas, é bem verdade; mas ama essa idade, como o menino ama a idade dos collegios, idade de seus prazeres; mas que elle innocentemente aborrece!

Era pois na idade em que Narcisa, ocupada toda de suas bonecas, nem a menor attenção dava a todas essas riquezas de que por ventura ouvia fallar. Tocou aos seus treze annos; ouviu fallar do ouro e das sumptuosidades gozadas pelos grandes da terra; então diria ella comsigo: — *Como é bom o possuir-se riquezas!* Depois ouviu fallar de criados vestidos de bordadas librés, de escravos de todas as cores, de cavallos arabes, de ricas berlindas, de dourados coches, de palanquins, de cadeirinhas, etc.: então diria ella: — *Se eu fosse rica!*... Depois ouviu fallar do poder das mulheres formosas, dos milagres que operavão, dos cultos que recebião, das adorações que gozavão, e da fortuna a que algumas chegavão, pelo unico facto de serem bellas, ainda nascidas no fundo da pobreza. Então Narcisa diria talvez comsigo: — *Oh! eu sou for-*

*mosa!* Do então por diante a idéa fixa desta linda camponeza era: — *Eu sou formosa! hei de ser rica!*

Eu vos descrevi ha pouco algumas qualidades physicas desta formosa moça; tentarei agora dar-vos um ligeiro esboço de suas qualidades moraes. Narcisa era de um genio altivo, caprichoso e te-naz; seu caracter, um tanto impressionavel, era todavia resoluto e decidido; e, notavel contraste! parecia pouco accessivel ás impressões do amor: entretanto respeitemos seu coração; mas convem que saibamos quo nesso joven coração estão lan-

çados, e bem profundamente, os funestos alicerces da vaidade e da ambição. Veremos o seu desenvolvimento.

Não obstante o que deixamos dito, Narcisa tem bom coração, e até impulsos generosos! Um preceptor habil e interessado na sua educação talvez tirasse proveito até de seu animo ambicioso e de sua vaidade.

O personagem que acabo de pôr em scena, Narcisa, esta bella camponeza, conta, no principio desta historia, quasi os seus quinze annos.



## CAPITULO III.

### OH! SÃO MEUS PATRICIOS!

Quando estamos em terra estranha, o orgulho abre-nos o coração, e faz espandir-se o nosso peito para recebermos aqueles que se d'zem nascidos em nossa pátria, e nos dispomos a ser seus amigos. Todavia este orgulho é desculpável; mas quasi sempre nos arrependemos dele, e nunca nos emendamos!

São onze horas da noite do dia 3 do janeiro do anno de 1738, vinte e oito annos depois do quo narrámos em nosso prologo: medonha é essa noite; o, de medonha quo ó, a gente do campo não se recorda de outra tão medonha nos últimos annos passados! E' que o perigo presente parece sempre mais carregado de pesadas cōrres que todos os que passárao. Chove, e chove espantosamente; mas ahi tem havido mais copiosa e destruidora chuva! Troveja a causar pavor; mas não é esta a primeira voz que ahi atroão tão pavorosos trovões! Com efeito, os relampagos se cruzão com amiudado luzir; mas outras vezes elles teem tão amiudados descido pelos flancos das serras. A noite, sim, essa é escura, escuríssima, a ponto de estraviar vian-dantes: porém não é a escuridão da noite que apa-vora o camponez, é o vento, cujas desesperadas refregas desarreizão as arvores, as despedação, e arrasão, e anniquilão as searas do lavrado. Algu-mas palhoças desabão, alguns telhados voão. Com efeito, grande é o terror dessa noite de tempestade.

Ao murmurio da chuva, ao bramido do vento, ao estampido do trovão, e ao lampejar do raio, uma mulher já não moça salta de sua cama, chamando seu marido, que, dormindo a bom dormir, ros-nava, ignorando que a borrasca insultava a huma-nidade. Um oratorio é aberto; diante dele, em um velho castiçal de folha de Flandres, arde uma vela de cera, já tão velha, que parecia empregnada do enxofre; e diante de uma imagem de Jesus crucifi-cado, de outra da Virgem da Conceição, e de outra de Santo Antonio de Lisboa, estão ajoelhados um marido, e oste de má vontade; uma mulher, com toda a devoção de uma piedade feminil; um preto, com todo o ardor de uma crença sincera; e uma moça, cujo sentimento era indefinivel. Esta era Narcisa, os dous, seus pais, e o preto, escravo delles. A mãe, com voz contracta, penitente e medrosa, cantava, se é quo não lamentava, o primeiro ramo do Bendito da Eucaristia, os tres respondião o segundo ramo. Como vimos, não faltava devoção no escravo; se alguma havia no senhor, elle tinha

mais somnò que vontade de gargantear o cantigo sagrado, para que appella a gente do campo em taes contendas da natureza com a humanidade. A moça cantava, é verdade, mas talvez que mais por servir á māi que a Deus. Uma vez por outra, quando brumia um maior trovão, ou por entre a porta e a baixa soleira rapida se escoava a passageira luz de um relampago, a dona da casa interrompia seu canto para bradar, benzendo-se — *Santa Barbara Virgem! S. Jeronymo!* — A menina abaixava a cabeça e sorria-se.

No meio desta confusão ouvin-se gritar na tranqueira:

— O' de casa ?

— Quem será ? disse a dona da casa olhando para todos, um tanto receiosa.

— Algum passageiro que querorá recolher-se da chuva.... Pois quem mais ha de ser ? disse o dono da casa.

— Oh meu Deus ! quem viaja com este tempo ? disse a moça.

— Ora quem ! quem tem precisão, respondeu o pai.

— O' de casa ! tornárão a bradar de fóra.

— O' pai, vai ver quem é, disse o dono da casa a seu escravo, que immediatamente chegou á porta, e disse para dous vultos que estavão na tranqueira :

— Chegue quem é.

— Um agazalho até de manhã, disse um dos vian-dantes approximando-se.

— Pôde chegar, disse o dono da casa chegando-se para a porta.

As duas ficáron de joelhos na mesma postura em que estavão. O preto sahiu, e tomou os cavallos dos recem-chegados, que se apeárão. Estes, tomando do preto as suas malas, entrárão. O preto conduziu os cavallos para o pasto.

— Os senhoros não reparem, que isto é casa de pobre.

Isto dizia o dono da casa introduzindo os hos-pedes.

Narcisa, a estas palavras de seu pai, abaixou a cabeça e corou.

Os forasteiros saudárão a familia, ao quo Narcisa correspondeu ligeiramente, o sua māi com agrado.

O dono da casa continuou:

— Olhem, crecio que estarão molhados: se tra-rem roupa enxuta, e querem mudar, entrem por ora para aquelle quarto.

— Sim, suhor, disse um dos desconhecidos.

E entrárão para o quarto que lhes fôr designado pelo dono da casa. Pouco depois sahirão. A familia continuava de joelhos, cantando do mesmo modo o Benedito da Eucaristia. Os hospedes, com um gesto sarcastico e um sorriso de desprezo, que elles com efeito occultáron, puzerão-se tambem de joelhos, mas sem despregar os olhos de Narcisa, mórmente o mais moço, que não deveria ter ainda 30 annos.

Mais tarde escampou-se a tormenta : a familia ergueu-se. A vela, que só servia para estes apertos, foi apagada, e o oratorio fechado.

O dono da casa disse então a seus hospedes :

— Talvez que os senhores ainda não ceiassem ; se querem, yai-se fazer alguma cosa....

— Obrigado, disse o hospede mais velho. Basta-nos unicamente uma estcira, onde passenios pelo somno até de manhã.

— Pois então deem-nos licença, que já volto.

O dono da casa entrou no quarto onde estava sua mulher ; e esta, embaraçada, disse-lhe :

— Então onde hão de dormir os homens ?

— Onde ?

— Sim : eu não sei onde....

— No chão, ahi na sala.

— Pois no chão, meu pai ? disse a filha.

— E onde querem vocês que elles durmão ?

— Elle é assim.... Nós não temos quarto algum para elles, disse a māi.

— Pois está bom, minha māi, elles podem dor-mir no meu quarto.

— E vós ? perguntou a māi á filha.

— Pois não seja essa a duvida, disse o velho ; a menina que durma com você, que eu dormirei ahi na sala.

O marido arranjou assim o negocio, e a dona da casa passou ao quarto da filha, arranjou-o, e fez a cama o melhor que pôde para os seus hospedes. Findo isto, forão elles chamados e recolhidos ao quarto onde devião passar o resto da noite. Pouco depois a familia agazalhou-se tambem. Tudo correu sem novedado.

No ontro dia, quando os hospedes se erguerão, já a familia ha muito estava de pé : chovia copio-samento.

Passadas as saudações do estylo, disse o hos-pede mais velho :

— Como chove !

— Chove a cantaros, disse o dono da casa ; mas não aqui, Deus louvado !

— Esta máo !

- E pelo que? Os senhores estão em casa.
- E que temos alguma pressa.
- Mas com tão mau tempo é imprudencia viajar; e demais, hão de achar os caminhos pessimos. Portanto, bem que o agazalho é mau, é comtudo inelhor que deixem passar a chuva.
- Emfim, que remedio senão aceitar o seu favor.... O tempo está tão feio.... (*e esta menina tão bonita....* talvez dissessem entre si os dous hóspedes) que será prudente esperar que se suspenda. Quanto ao agazalho, melhor não pôde ser.
- Veem de muito longe?
- Agora viemos de Macahé.
- E para onde se botão?
- Para a cidade. Andámos negociando em animaes, e como os vendemos todos, despedimos os companheiros, e vamos-nos recolhendo.
- Para comprarem outra tropa, não?
- Não, senhor: este negocio dá muito trabalho e pouco lucro. Agora queremos nos estabelecer em algum negocio melhor.
- Pelo que me parece, Vms. são de Portugal?
- Sim, senhor, somos de Lisboa.
- Oh! são meus patrícios!
- E de Lisboa?
- Sim, senhor.
- Ha quantos annos está por cá?
- Oh! ha muito tempo!
- Muito tempo?
- Sim. Então de que se admira?
- Porque me parece que não pôde ser tanto tempo como isso.
- Todavia!
- Ora vejamos se adivinho....
- O que?
- Ha quantos annos está por cá.
- Pois bem: adivinhe.
- Ha seus 10 annos, pouco mais ou menos.
- Oh! homem! só essa agora me faria rir!
- Está bom: pôde ser que me enganasse; mas a diferença não hâ de ser lá muito notável.
- Ah! sim, pequena: de outro tanto duas vezes.
- Como?
- De outro tanto duas vezes, sim: pois que pensa?
- Pois Vm. está no Brasil ha trinta annos?
- Pouco mais ou menos.... pouco mais ou menos.
- Nesso caso veiu para cá muito criança?...
- Está feito; nem tão criança como isso. Com os meus trinta e tres quasi....
- Trinta e tres annos!
- Pouco mais ou menos....
- Oh senhor! isso é impossivel!
- O que?
- Pois Vm. tem sessenta e tres annos?
- Pouco mais ou menos.
- Com efeito! Como está tão bem conservado! disse o hóspede mais moço.
- Pois está muito bem disposto, continuou o hóspede mais velho; e não tem um só cabello branco.
- Mas em compensação estou calvo; porque aquella mulher e aquella rapariga (isto dizia o velho apontando para a mulher e a filha) arrancá-me os cabellos brancos.
- Pois, senhor, ninguem dirá que tem sessenta e tres annos!
- Pois não é que tenha levado boa vida. Pelo contrario bem má me tem ella sido; pessima até! Oh! tenho sido bem desgraçado!... Onde me vê, já fui rico e bem rico.... mas Deus.... qual Deus nem meio Deus.... tal cousa não ha....
- Meus senhores, não arreparem nas asneiras deste homem, disse a dona da casa.
- Sim.... sim.... são asneiras.... Quando se dizem as verdades são asneiras. Pois bem: que fiz eu a Deus para permitir que em um naufragio perdesse eu tudo quanto tinha, e que dahi em diante nunca mais pudesse arranjar minha vida?
- Então onde naufragou?
- No Cabo da Boa-Esperança; que para mim de tão má foi!
- Eu sou um tanto curioso de ouvir acontecimentos extraordinarios: se me fizesse o favor de contar essa historia....
- Não o duvidarei; mas não agora, porque tenho o que fazer, e a historia é muito longa. Deixe, que nos não faltará tempo. Falemos agora dos senhores. Este moço é seu filho?
- Não: é meu amigo, e eu o amo como a meu filho.
- E' bem parecido. Como se chama?
- Pedro.
- Seu criado, acrescentou o tal Pedro.
- Criado de Deus, que lhe dê boa sorte.
- E eu me chamo Justino.
- Ora bem: como são meus patrícios, interessos-me pelos senhores. Visto que querem mudar de negocio, pergunto eu: em que negocio se querem estabelecer, e onde?

— Ainda não tomámos accordo algum a tal respeito.

— Pois olhe, se tem algum dinheiro de que possa dispor, compre por aqui alguma casinha ; e, se a não puder comprar, arrende por aqui algum poucachinho de terreno, e faça uma casita : tire as competentes licenças, arranje-lhe um balcãozito, umas quatro prateleiras, e ponha uma taverna : assim deixe correr o mais, que ha de arranjar muito bem a sua vida.

— Não acho muito geito nisso.

— E porque ?

— Porque vejo isto por aqui ainda tão mal povoadão, que creio que pouco negocio se fará.

— Está enganado, meu amigo, está enganado. Olhe ; o seu sortimento deve ser um pouco de carne secca ; quanto ao toucinho, Vm. compra por aqui mesmo algum capadinho ; bastante aguardente e fumo.... ahi algum lencinho, um pouco de chita ordinaria, algum algodão de S. Paulo, e está arranjado. Ora, Vm. com oito ou dez dobras arranja tudo isto.... Com oito ou dez.... com muito menos até.

— Com oito ou dez dobras ?

— Sim.

— E a casa ?

— Agora a casa !... essa arranja o sonhor com duas dobras, ou menos.

— Homem, estou quasi tomando o seu conselho.... Que dizes, Pedro ?

— Faze o que te parecer. Eu cá estou por tudo quanto fizeres, respondeu Pedro.

— Bella resposta, continuou o velho ; assim nunca hão de brigar. Pois tome o meu conselho : tome, que se não ha de arrepender. E demais, o negocio não está só no que se vende, está, e muito principalmente, no que se compra.... Oh ! isso é uma mina inexgotavel !

— Então como ? explique-me isso, que ignoro estas cousas.

— Olhe : de dia todo o negocio é vender, e de noite comprar : todo o mysterio está em que de dia se vende por dez o que de noite se compra por um, ou dous, quando muito.

— Oh ! quo magnifisco negocio !

— Sim, magnifisco.

— Mas o que é que se compra de noite ?

— Tudo quanto se vende de dia, a saber : tudo quanto os escravos furtão aos senhores, isto é, criação, ovos, o feijão, o milho, a farinha, o arroz, etc. Assim, compra-se um sacco de mantimento por uma pataca e por menos, uma gallinha por quatro vintens ou um tostão, uma duzia de ovos por dous vintens, um molho de fumo por tres ou quatro, etc. Tudo isto está em saber se comprar e vender.

— Muito bem. E quem arrendará por aqui terras ? O padre, administrador desta fazenda, arrendará ?

— Nem fallar nisso !

— Não arrenda, heim ?

— Além de não arrendar, para uma taverna muito menos.

— E pelo que ?

— Porque esses padres são passados por India e Mina : elles sabem quanto é perigoso uma taverna perto de uma fazenda.

— Oh ! sim, comprehendo.

— Mas isso não lhes sirva de embaraço. A pouca distancia daqui existem duas grandes situações, ou antes duas fazendolas : as terras de uma e d'outra confinão aqui na estrada. Um, o dono da fazenda do lado da terra firme, não lhe ha de arrendar, porque ella não é muito grande ; além disto, o filho, que está da cidade estudando para ordenar-se, tem dito ao pai que não arrende da fazenda nem um palmo de terra ; portanto com esse não conte. O dono da outra fazenda, que é bastante grande, é um tal João Baptista, que para ahi veiu ha pouco tempo. Dizem que é um borrachão, um pobre diabo ; e então estou certo que com esse se ha de o senhor arranjar.

— Então julga que devemos ir ter com elle ?

— Sem duvida.

— O tempo está alevantando. Chove pouco. Vou aproveitar esta estiada.

— Pois vão e voltem. Nós os esperanços para jantar, e então lhes contarei a minha historia.

— Está dito.

— Com effeito, os cavallos dos hospedes forão arreiaados ; elles montarão, dizendo :

— Até á volta.

## **CAPITULO III.**

### **POIS SEREI PEDRO.**

Os pais que amão excessivamente a si, educão seus filhos só para si: os que amão excessivamente a sociedade, os educão só para a sociedade: os que amão excessivamente os filhos, não os crião para si nem para a sociedade: os que porém amão a si, aos filhos e a sociedade, temperando este amor com a razão, fazem delles bons filhos, bons homens e bons cidadãos.

Os dous desconhecidos, quo o leitor viu chôgam á casa quo o narrador doscreveu no capitulo passado, não erão ambos Portuguezes, como dissera o mais velho: este com effeito o era, mas o mais moço não. Tambem não se chamava Justino o mais velho, nem Pedro o mais moço: mas visto que elles assim se querem chamar, façamos-lhes a vontade, conhecendo-os pelos nomes que elles mesmos derão, até que seus verdadeiros nomes possão apparecer perante nós.

Em 1713 mudou-se do Rio de Janeiro para Santa Catharina uma familia composta de tres pessoas, marido, mulher e um menino, reputado como filho unico. Este menino, logo nos seus primeiros annos mostrou alguma comprehensão e talento; seu genio era brando, seu caracter timido, e sua vontade flexivel; com taes disposições, seria o que seus preceptores quizessem quo elle fosse; porque, além destas boas qualidades, tinha bom coração: mas seus pais, mais amantes que justos, longe

de formarem a alma de seu filho, importárao-se só com o ter um filho bonito, espirituoso, que soubesse vestir-se bem, e que fizesse uma cortezia com graça: a virtude e a sisudeza ficárao esquecidas. Estes pais, por um louco amor, deixárao que seu filho desde seus primeiros annos fizesse tudo quanto lhe parecesse: era pois elle, como dizem os Franceses, *l'enfant gâté* da familia, o que nós chamamos, em o nosso estylo familiar, *o menino de cheiro*.

Já o leitor terá bem comprehendido que este menino poderia ser um bom menino, e ainda um bom homem; mas seu pai, casquinho do Rio de Janeiro (pois tambem naquelle tempo os havia, bem que de menores quilates que os de hoje); sua mãe, filha de Santa Catharina, mas criada no Rio de Janeiro, tinhão a brasileira mania de amar o filho até a loucura de deixa-lo commetter imprudencias!

O menino pois tinha viveza, e os pais tolice. Quando a boa da mãe estava conversando, não poucas vezcs gritava o pequeno: « — Não foi assim,

mamãi.... — Então como foi, meu filho ? dizei.... respondia a amavel mäi. » E o rapaz contava a historia. Depois dizia ella, toda cheia de seu filho : « — Foi assim mesmo : que memoria de menino ! Benza-te Deus, mou anginho ! » Outras vezes era com o bello do pai. O menino entrava na conversaçao dos mais velhos, e fallava como um doutor de borla e capello, o não só fallava, como desdizia, teimava, retorquia, etc. ; e então dizia o fascinado pai : « — Que viveza de menino ! » As crianças são sempre gratas aos elogios, e por meio de seus gestos e ademães gostão de exprimir o seu agradecimento ; assim o menino, ouvindo estes elogios de seus pais, apavonava-se todo, empertigava-se, requebrava os olhos, volvendo-os pelos circumstantes, e de novo se intromettia n'outra conversaçao; porque o tal menino era sempre quem mais fallava : quando porém se desfazia a compañhia, as pessoas sensatas sahião sempre bem aborrecidas dos pais e do filho.

A' vista de tudo quanto temos dito, é claro que este pobre menino cresceu com todos os caprichozinhos de que é capaz a almiňha de um menino assim criado ; e portanto ficou um sofrivel malcriado. Não obstante, aprendeu a ler, escrever, e as quatro especies fundamentaes de arithmetic a sem grande custo. Depois de saber essas cousas (como se sabe quando se sahe de uma aula) se lhe houvera dar na veneta o comer, beber, dormir e passeiar, deu-lhe o querer estudar. Tanto peior ! Ora, como'quiz, começou a estudar, e o que é verdade é que com alguma habilidade.

Estava o rapaz já com os seus dezasete annos feitos quando se passou o que vamos referir.

Morava em Santa Catharina um padre, que contava os seus sessenta e tantos annos, homem sem senão, se senão não é o pequenino peccado da avariza. A principal casa de negocio de Santa Catharina, naquelle tempo, dizião as más linguas que era deste padre ; os mais bem intencionados, e quo não gostão de fallar da vida alheia, dizião apenas que o padre era socio da casa.

Em dias do março de 1727 estava o padre em sua casa, serião 9 horas da noito, quando lhe batêrão á porta : levantou-se, e foi elle mosmo abri-la com uma luz na mão : abrindo a porta, o vondo a pessoa que batia, recuou espantado gritando :—Uma alma do outro mundo !!!

O sujeito, sem so admirar . como quem já esperava por isto, solta uma grande risada, dizendo :

— Ora, padre, pensei que já tinhas tomado juizo....

O padre, recobrado de seu primeiro susto, balbuciou isto :

— Pois tu não morreste ?

— Parece-me que não.

— Essa é boa !

— Com efeito ! Grande empenho tinhas tu que eu tivesse morrido....

— Não, homem ! ... mas tu morreste....

— Nesse caso resuscitei.

— Então devéras não morreste ?

— Morri, mas resuscitei.

— O' meu....

— Alto lá, alto lá.... Morri com esse nome, mas resuscitei com outro.

— Sim ! e então como te chamas agora ?

— Justino.

— Mas porque essa mudança de nome ?

— Porque como morri e resuscitei, entendi que devia mudar de nome ; não julgas ?

— Nas o Divino-Mestre resuscitando a Lazaro não lhe mudou o nome.

— Lá dessas cousas não pesco eu nada. Venho demorar-me por aqui algum tempo, e por conseguinte quero aboletar-me em tua casa.... Não descores ; eu faço as minhas despezas. Não te esqueças porém do que eu me chamo Justino, e sobre-tudo só me conheces de Lisboa, donde somos filhos, heim ?

— Mas que vem a ser isto ? que diabo de historias são estas ?

— Descansa, que de tudo saberás.

— Mas me assegurárão que tu naufragaste lá para a altura do Pará, ou Maranhão, e que tinhas morrido ?

— Sim, naufraguei ; mas não morri.

— Pois companheiros do teu naufragio assim o assegurárão ; e como ha alguns quatorze ou dezes-seis annos que não appareces, eu o acreditei.

— Pois escapei em uma taboa, em que andei boiando uma noite e quasi um dia ; mas salvou-me um navio hispanhol, e d'ahi fomos todos cahir nas un'as dos Mouros, onde estive quasi todo esse tempo. Agora, como todos me tinhião por morto, reapareço com outro nome, e sondo um homem todo novo.

— Ora vejão ! E disse-to uma missa por alma !

— Pois, meu padre, so a missa ainda está bem conservada, apezar do tempo, vende-a a outra pessoa, porque eu não preciso della.

— Estás enganado : a luz que vai adiante allumia melhor.

— Concordo ; mas é a que vai adiante de alguma pessoa ou cousa ; a tua luz foi só, e por isso a nada allumiou....

— Cala-te, libertíno.... Sempre assim foste.... Vamos cear.

Entre muitas amizades deste velho sacerdote, era, e um tanto particular, a dos pais do menino de que fallámos ha pouco tempo. O padre, a pedido de seu hospede, apresentou-o a esta familia. Bem depressa Justino, por suas maneiras agradaveis e animo officioso, tornou-se amigo intimo da familia ; e como o rapaz, durante sous estudos, ia não poucas vezes á casa do padre para este explicar-lhe algum ponto mais difficult da lição, aconteceu que Justino fosse tambem se familiarisando com elle. Justino em pouco tempo ganhou completamente o animo do rapaz. A maneira que para isto empregou era segura e decisiva. Conhecendo as suas opiniões, lisongeava-as ; comprehendendo as suas inclinações, facilitava-as ; e desafiando as suas paixões, satisfazia-as ! O para que é o que ignoramos por ora.

Justino estava quasi sempre com o rapaz ; levava-o ao jogo, ensinava-o a jogar, dava-lhe dinheiro, guava-o á casa de mulheres perdidas e dissolutas, e instigava-o ató a ações feiase indecorosas.

Este homem era conheedido em Santa Catharina como patrício e amigo do padre ; mas uma vez apresentado a alguma pessoa ou em alguma casa, elle não só sabia inculcar-se, como ató fazer-se querer. Era, ou affectava sér, cortez, franco e generoso ; sua bolsa estava sempre aberta ; era de um humor alegre, de um genio jovial e até leviano ; mas estudando-se este homém com alguma reflexão, ver-se-hia que tudo nelle era estudo, e calculo e conveniencia ! Um physionomista experimentando diria que seu olhar atravessado, seu sorriso sarcástico, encobrião um coração perfido, rancoroso o vingativo ! Emfim, veria que este homem era uma noite tenebrosa, e buscava disfagar a escuridão dessa noite eom um raio de uma alegria falsa, eom um raio de uma jovialidade mentirosa, e com o raio de uma leviandade ficticia.

Não se fixou todavia Justino em Santa Catharina : ello fazia algumas viagens, mas não longas, por exemplo, ao Rio de Janeiro, ao Rio Grande do Sul, etc., e depois voltava a Santa Catharina.

Voltando elle de uma destas viagens, disse-lhe o rapaz :

— Justino, quero pedir-te um favor.

— Falla rapaz, disse elle com emphase.

— Estou com vontade de ir estudar em Coimbra.

— E' muito justo ; e o que te falta ?

— Quero que peças ao velho.

— E tu já lhe tocaste nisso ?

— Ainda não.

— Pois falla-lhe quando eu lá estiver, e deixa o mais por minha conta.

— Então está dito ?

— Está dito.

Com effeito, o rapaz tocou ao pai nesse negoio, em presença de Justino. A māi quasi morreu ouvindo tal: o pai tambem não gostou ; mas era só com a lembrança de se separarem do filho : assim o pai apresentou meia duzia de diffieuldades, que tanto o filho eomo Justino as pulverisárão de repente : mas restava ainda alguma cousa. Era pre-eiso consultar o padrinho do rapaz, que, segundo seu pai, morava no Rio de Janeiro ; e acrescentava o pai que som o consentimento desse padrinho nada se poderia fazer.

O Justino declarou então que elle vinha para o Rio de Janeiro, e que em tal caso seria portador da carta. Com effeito, assim se fez ; Justino foi o portador da carta, quo comquanto não a entregasso em mão propria, todavia chegou ao seu destino. Passado o tempo absolutamente preciso, chegou Justino a Santa Catharina eom a resposta do padrinho, quo não só approvava a resolução do rapaz, mas tambem lhe mareava uma mesada. O rapaz apromptou-se para partir. Os pais estiverão quasi á morte eom a lembrança de que seu querido filho se ia separar delles ; mas eomo não ?... elle o queria ; e como resistir á suprema vontado deste deusinho da familia ? Emfim o idolo partiu, e o dia da sua partida foi um dia de luto, de afflictões e de amargores para os sensitiveis corações de tão maviosos pais ! O pai teve todavia animo de acompanhar o filho até o navio que o devia levar a Portugal ; e ahi se despediu delle lavado em torrentes de lagrimas. O rapaz pela sua parte eumpriu fielmente o programma de quem parte, e vai contentissimo ; isto é, beijou a māi ao pai, abraçou-o muitas vezes, e chorou muito, promettendo sempre dar-lhe muitos gostos ; isto mesmo já elle havia feito com a eara māi, que desmaiou no momento do adeus, e ficou de cama para não viver, exclamando continuamente : « Quando verei o meu d'outor ? ! quando o verei ? »

Justino, que, como elle dizia, tinha de fazer uma viagem a Portugal, aproveitou esta occasião, e acompanhou o rapaz, que, segundo as instruções dos pais, devia vir ao Rio de Janeiro ahi apresentar-se a seu padrinho, e depois seguir para Europa. Chegados ao Rio de Janeiro, Justino iniciou o rapaz em toda a sorte de dissoluções, desmanchos e licenciosidades.

As casas de bebidas, de jogos, e de mulheres perdidas e devassas, erão constantemente frequentadas pelos dous amigos ; e Justino de tal sorte entre-tinha o rapaz, elhe enchia o tempo, que nunca teve occasião de apresentar-se a seu padrinho, que no consentimento dado para que fosse elle para a Europa, dizia mui expressamente que queria vê-lo antes de partir. Assim passárao-se dous mezes. Alguns navios tinhão de seguir para Portugal, a monsâo era boa, e o tempo urgia. Então, por conselho de Justino, o rapaz escreveu ao padrinho dizendo-lhe que o havia procurado diversas vezes, mas de balde, porque se achava fóra da cidade; que não desejando perder tempo, nem querendo esperdiçar a occasião, enviava-lhe inclusa a carta de seu pai, e seguia para Europa.

O navio que levava os dous tocou na Bahia : Justino saltou com o seu amigo, fazendo desembarcar seus bahús. Oito dias depois o navio levantou ferro, e os dous passageiros não apparecerão. Justino, que muito de caso pensado assim obrára, singriu affligir-se com este sucesso. Só um mez depois houve embarcação para Lisboa ; o durante este mez os dous repetirão na Bahia os seus escandalos do Rio de Janeiro. Ao cabo deste mez de devassidões e indignidades, proseguião os dous a sua viagem até a ilha Terceira, onde desembarcárão. Ahi o rapaz, desenganado de que não se podia já matricular na universidade neste mesmo anno, propoz a Justino o ficarem mais tempo em terra ; era o que Justino queria. Dous mezes e meio forão passados na Terceira, no meio dos maiores descaramentos e desordens ! Finalmente chegárao a Lisboa, onde se propuzerão a passar o resto do anno e o principio do proximo futuro, até a ida para Coimbra.

A' vista dos principios de moral professados pelos nossos heróis, os meus leitores podorão bem prover o quo farião elles nesta grande cidade, neste vasto theatro, em que erão representadas todas as qualidades do dramas !

Pouco tempo foi preciso para o infeliz tirar senhor de toda a Lisboa. Não obstante, passados esses mezes de indignas extravagâncias, chegou o

rapaz a Coimbra, onde matriculou-se no primeiro anno.

Os primeiros dias de sua estada em Coimbra não forão la muito para invejar, attenta a circumstância de ter elle fama de rico : assim foi-lhe preciso fazer alguns aureos sacrificios para tornar propicias as severas divindades do *Caloirato*.

Os estudantes fabricão entre si a facultade de arranjarem certas espertezas e rasgos de espirito para haverem o que não é seu, que qualquer homem, na maior boa fé do mundo, salvo sendo Lacedemonio, chamaria simplesmente ladroeiras : dessas espertezas e rasgos de espirito foi não poucas vezes victimo o nosso futuro doutor. Como fosse, estudou o primeiro anno, durante o qual Justino abandonou-o. Findo o primeiro anno, veiu o moço para Lisboa, onde devia encontrar o seu bom amigo, e assim foi : foi então que elles soltarão as rédeas ás suas dissoluções, desordens e impudencias ! Bem depressa o malaventurado tornou-se escravo das duas mais perigosas paixões : — jogo e mulheres ! ! — e assim gastava ao pai e ao padrinho rios de dinheiro ! Familiarisado com estas duas despreziveis e aviltadoras paixões, ou estava sempre em casa de mulheres depravadas, ou em casas de jogo ! Justino, natural de Lisboa, e conhecedor de todos os seus segredos, procurou para o seu amigo quantas amizades pôde ; mas por mór desgraça todos os amigos do inteliz procurados por Justino, moços de diversas estirpes, erão todos licenciosos, pela mór parte libertinos, hereges, e até alguns atheus ! O desgraçado seguiu em tudo e por tudo as pisadas de seus jovens amigos ; de jogador e effeminado tornou-se devasso e licencioso ; bem depressa cahiu na libertinagem, e lançou-se a todos os excessos, acabando pelo atheismo.

Seria isto o que queria Justino ? Se era, podia contemplar sua obra, como um modelo de perfeição, e podia applaudir-se !

E era pena ! Ver este mancebo, nascido com tão bellas disposições, e sendo tão bello e tão amavel, pervertido, lançado na voragem dos vicios, e com os pes na ribanceira dos crimes, quasi tocando aos seus vinte e tres annos... era pena !

Era doloroso ver estes graciosos cabellos louros, quo molduravão seu rosto de alabastro ! estes olhos formados de dous radiantes pedaços de céo, em cujo brilho o vivacidade tão magicamente se debuxava o amor ! estas faces em que através da mais branca e mais fina tez ardião preciosos coraes ! estes labios de carmim, dondose pendurarião talvez fugaces, ideaes

beijos! este sorriso tão doce, tão doce quão refalsado encobridor de sous vicios, quão perfido enganador da innocencia! este corpo tão esvelto e mimoso! este todo de encantos! esta copia de amor! esta seducção intima que só Deus vê! este peccado secreto que só Deus perdoa! esta sublime prova de uma virtude suprema! Era doloroso ver tudo isto tão desprezivel, tão detestavel o tão corrompido! E ainda assim, quantas seduções, quantas victimas! e na verdade não é sem grande custo que se resiste a tão bella, tão engraçada e tão encantadora tentação! No entanto perdoemos á mulher que se perde pelo bello. O coração de uma mulher ó o typo mais bello da natureza, e por uma sympathia das qualidades bellas, o coração de uma mulher palpita anfios perante o bello, desejoso de ligar-se a elle!

Dispunha-se cste desafortunado mancebo para partir de Lisboa para Coimbra a fim de estudar o segundo anno, quando no meio de alguns mancebos dissolutos e inulheres depravadas recebeu uma carta, cuja obreia pareceu preta. Os rapazcs folgazões e raparigas folgazonas da rua da Madragoa quizerão saber que novidade havia.

O mancebo, no meio da sua bacchanal, bem pudera ter dito, como o Polemarchio, tambem no meio de uma orgia: « *Negocios sérios para amanhã.* » Mas sofrego, o que é natural em um moço, abre precipitadamente a carta: a māi dá-lhe a triste noticia da morte do pai, e o aconselha que volte para o Brasil.

Despedida a companhia, o moço consulta com Justino se deve seguir o conselho da māi, ou continuar os estudos: elle ó de opinião de ficar, e proseguius seus estudos; mas Justino combate a sua opinião, e com tão artificiosos argumentos o combate, que o vence; e o condescendente mancebo vem para o Brasil acompanhado de seu amigo.

Chegados a Santa Catharina, o rapaz é recebido como o filho unico, o muito querido da māi, e que estava ausente. O pai tinha fallecido *ab-intestato*, e elle, com dispensa do idade, emancipou-se: então temou conta dos bens da casa, e começou a gastar como um prodigo; em consequencia, algumas vezes o dinheiro escasseava, e n'um destes apertos o mancebo disse-o a Justino. Este offereceu-se, tanto a elle como á māi, para abrir-lhe um credito n'uma casa de negocio; os dous aceitáron a offerta. Justino dirigiu-se então á casa de negocio que as más linguas dizião ser do padre amigo de Justino, e que outras acreditavão ser de dous socios, sendo unu o dito padre; o como Justino era amigo do so-

cio gerente da sociedade, entregou a este uma grossa quantia por conta das fazendas e dinheiro que a māi e o filho pedissem. O negociante disse então a Justino:

— Bem. As fazendas que elles devem tomar ficão pagas; mas este dinheiro vence algum juro?

— Como?! Tu não o dás de tua gaveta! disse Justino.

— Mas não sou eu que fico responsavel? Não sou eu que lhe corro o risco? Não sou eu que tenho o trabalho da escripturação?

— Sim, entendo-te: queres algum lucro do teu trabalho, heim?

— Façamos uma cousa....

— Qual é?

— Já fazes muito em adiantar o teu dinheiro.... O lucro que houver será nosso.

— Pois bem, mas que não seja enorme.

Desde então ficou o moço e sua māi mandando buscar dinheiro e fazendas nesta casa; mas do dinheiro erão mui pequenas quantias. Quanto ás fazendas, erão vendidas aos dous com o lucro de cincuenta por cento!

Por este tempo despediu-se Justino, e foi fazer uma viagem de mais de um anno, segundo elle o disse.

O mancebo entregou-so a todos as suas devassidões e desordens. Um dia, jogando em companhia de alguns gatunos, perdeu todo o dinheiro que trazia, cerca de duas dobras; pediu licença aos companheiros, e foi ao negociante, e pediu-lhe cem mil réis; este respondeu-lhe:

— Meu amigo, isto não vai bem. A nossa casa, em continuas negociações, não tem tanto dinheiro disponivel que possa fazer tantos emprestimos sem o menor lucro; e Vm. sabe quo dinheiro ganha dinheiro. Assim convém que....

— Sim, sim: quer juros do seu dinheiro. Seja franco, quanto quer?

— Espere, espere, não se afflija. Olhe: o senhor e a senhora sua māi já lá teem umas vinte e nove dobras; se esse dinheiro que lá está, e este que pede agora, vem com brevidade é uma cousa; se não, convencionemos em algum juro.

— Mas quanto? quanto?

— Olhe, façamos uma cousa: sempre que Vm. quizer dinheiro, mande uma ordem ou pedido, pedido dc cento e vinte cinco mil réis.

— E quanto receberei?

— Cem mil réis contadinhos....

— Isso ó muito caro....

— O meu dinheiro em gyro ganha mais, meu caro senhor.

— Sim; mas com muito risco.

— No commercio não ha negocio sem risco.

— E os meus escravos e as minhas propriedades não assegurão a sua divida?

— Os escravos morrem, meu caro senhor, e as casas podem arder.... e assim estas coisas são bem fracos penhores do meu dinheiro.

— Nesse caso não ha penhor algum??

— Eu o disse: não ha negocio algum sem risco....

— Bem, bem.... Vamos a isso....

— Ora, meu caro senhor, quem tem um amigo tão rico e tão generoso, como Vm. tem no Sr. Justino, que tem que receiar?

— Dê-me cá papel e tinta.

— Sim, senhor; um pedido de 125'000....

— Sim, sim, de 125'000, dizia o moço escrevendo.

— E todos os mais que vierem.

— Sim, senhor: não tinha duvida.

O moço entregou ao usurario o pedido de 125'; recebeu 100'000, e saiu!

O homem amigo do jogo é das mulheres, quando não tem dinheiro para perder naquelle, e para gastar com estas, não põe muita duvida em roubar onde puder, quanto mais toma-lo por um enorme premio! No fim de dous annos e alguns meses o infeliz mancero estava arruinado.

O leitor viu este usurario ficar com o dinheiro por conta do que devia dar ao moço e à sua mãe, tanto em dinheiro como em fazendas; e que, esgotada esta quantia, nada se lho ficava devendo; mas elle tevo a destreza de ainda fazer-se credor: porque quanto ás fazendas, ia-se pagando dellas com o lucro do 50%; quanto ao dinheiro do emprestimos, teve a habilidade de não se pagar logo dos premios, isto é, deu todo o dinheiro quo havia recebido, sem descontar os premios que, segundo os pedidos do rapaz, figuravão no capital.

Esgotada a quantia deixada por Justino, o negociante não quiz mais dar dinheiro nem fazendas: o rapaz, achando-se em apuros, quiz vender um escravo. O negociante apresenta-lhe a enorme divida (enorme para os bens do casal), embarga a venda do escravo, e novo uma penhora contra a mãe e filho. A mãe, que ignorava os desmanchos do filho, vendo a enorme divida feita por elle e também por ella, o para a qual seus bens não chegavão, teve tal paixão, que caiu gravemente enferma. A execução seguiu seus trâmites, e a pobre

viúva chegava ao termo da vida. Nesta occasião chegou Justino. Antes de ir á casa do amigo foi á do negociante, que lhe contou todo o acontecimento. Justino pareceu não gostar do que tinha havido, e mostrou-se pezaroço; mas o que estava feito estava feito. Botou-se para casa do padre, onde se não demorou, e dahi foi para a casa do amigo; este não estava; era quasi noite: elle vai ao quarto da doente, e achou-a quasi moribunda. A infeliz enferma alegrou-se vendo o amigo do filho, e perguntou-lhe por elle.

— Não sei: eu chego neste instante, respondeu Justino.

— Eu sinto-me morrer, disse a velha, não posso ter muitos momentos de vida; e por isso preciso ver meu filho.

— Senhora Urselina, elle está ausente: se eu posso fazer alguma coisa, diga.

— Não: é uma revelação que lhe quero fazer; queria também confessar-me.

— Com quem?

— Com um padre.

— Bem sei: mas que padre?

— Seja que padre for.

— Pois eu vou buscar-lhe um.

— Muito estimarei.

Justino saiu. Chegou á casa do padre seu amigo, e disse-lhe:

— Padre, anda fazer uma confissão.

— Quem é que se confessa, homem? perguntou o padre.

— E' a velha Urselina.

— Como! pois está mal?

— Sim. Anda depressa.

— Vamos.

O padre tomou o chapéu e a bengalla, e saiu com Justino: este no caminho disse-lhe:

— Olha que esta confissão não é uma confissão vulgar.

— Porque? perguntou o padre.

— Porque nesta familia ha um segredo, e suponho que a velha o quer revelar ao filho. Convém que ella o revele até certo ponto, o que elle si-quo ignorando o resto.

— Mas qual é o segredo?

Justino inclinou-se sobre o ouvido do padre: e, como quem temia que até as auras o ouvissem, fez que nesse ouvido já velho se embebesse o seu segredo. O padre pasmado exclamou:

— Sim!!! mas com que fim deve Urselina ocultar-lhe o mais importante de se segredo?

— Pois que elle é um doudo, um extravagante, um perdulario ; e assim como arruinou a estes irá arruinar a outros : quando elle tiver juizo e assento, então revelar-lhe-hei o resto deste segredo. Já vês que só quero o seu bem.

— Está bem : mas com que pretexto farei eu que a velha cale o resto desse importante segredo ?

— Ora obrigado ! Com pretexto de absolvição, excommunhôes, etc.

— Emsim, farei o que puder.

Assim conversando chegáraõ á casa da enferma. O padre entrou para o quarto, e ficou só com ella. Justino esperou na sala. Um instante depois chegou o rapaz. Vendo Justino, lançou-se-lho nos braços, e depois contou-lhe tudo quanto lhe succedera. O amigo consolou-o, e a conversa ficou adiada. O padre terminou a sua confissão, e sahiu. O mancebo entrou para o quarto da velha. Ella estava nos paroxysmos da vida. A enferma fez assentar-se o moço junto della, e começou a fallar. Justino, de fóra, nada perdeu do que se dizia no quarto. Por ultimo elle ouviu que o rapaz pedia alguma cousa á velha, e pedia instantemente, e ella negava com

obstinação. No meio destas instancias e desta tenacidade, a velha perdeu a falla, e pouco depois expirou.

Depois desta morte, disse o moço a Justino :

— E agora ? não tenho causa alguma : de que hei de viver ?

— Temos um optimo negocio, disse Justino. Vamos negociar em animaes.

— Mas eu não tenho dinheiro.

— Tenho-o eu. Nota porém que has de mudar de nome, e dirás que és filho de Lisboa.

— E que nome tomarei ?

— Qualquer. Pedro, por exemplo.

— Pois serei Pedro.

Justino recebeu do tal negociante o seu dinheiro e metade dos premios, e seguiu com o improvisado Pedro para S. Paulo ; e depois de algumas voltas, vierão apparecer no ponto em que os deixámos no capítulo passado.

Justino tem os seus cincuenta e um annos quando apparece na casa do pai de Narcisa, e Pedro os seus vinte e oito.





## CAPITULO IV.

### NÃO É POIS EXACTO O QUE SE DIZ DOS PESCADORES EM GERAL.

Aquelle que julga precipitadamente, precipitadamente será julgado.

O juizo pronunciado depois de bem pesadas as circunstancias que o devem determinar, é quasi sempre seguro.

Os dous sahirão, como vimos, para irem fallar ao fazendeiro. Justino mandou a Pedro que o esperasse, e só, foi ter com o dono das terras. Antes de lá chegar puxou muito os cabellos sobre a testa, ~~que~~ arrou um lenço nos queixos, atando-o sobre a cabeça, e assim um tanto desfigurado fallou ao homem.

Pela volta do meio-dia os dous voltarão, elles vinhão alegres e contentes. Filipe (que assim se dizia chamar o pai de Narcisa) apenas os viu, disse-lhes.

- Achárao o homem ?
- Sim, senhor, respondeu Justino.
- Então, é macho ou femea ?
- Oh ! macho !
- Ora estimo.
- Muito obrigado.
- Como se houverão com elle ?
- Optimamente. O homem é um bello sujeito.

Fallei-lhe, e elle 'poz algumas duvidas em arrendar-me as terras, porque diz que de taes arrendamentos quasi sempre veem no futuro duvidas e *pendangas*, (\*) e que tinha muito medo de demandas. Eu assegurei-lhe que só queria ganhar minha vida, e nada mais. Depois de algumas outras duvidas, que eu resolvi, cedeu-me a posse de algumas braças de terra, com a condição porém de que não plantaria arvores de espinhos.....

- E para que, se elle as planta ?
- Prometti-lhe que não as plantaria.
- Boa duvida. Passou-lhe o papel de arrendamento ?
- Ei-lo, disse Justino mostrando o papel.
- E quer a casinha de palha ou de telha ?
- Como julga melhor ?

(\*) O vulgo toma esta palavra por demanda ou chicança. Todavia não é essa a sua significação.

— Melhor, quanto ao preço, é a de palha ; mas quanto á duração é a de telha ; isso é sabido.

— E ha telha aqui perto ?

— Muito perto : aqui na fazenda dos Jesuitas.

— Então seja de telha. E os mais arranjos ?

— Temos tudo junto á porta.

— Bem, bem.

— De tarde iremos á casa de um sujeito, aqui perto, (o dono da outra fazenda cujo filho lá está na cidade estudando para ordenar-se....)

— Ah ! lembro-me.

— Pois sim : esse vender-lhe-ha a madeira, e mandar-lh'a-ha pôr aqui á porta. Deixe, que tudo se ha de arranjar, e a seu gosto.

— E carpinteiro para a obra ?

— Este seré eu.

— Ah ! pois é official de carpinteiro ?

— Official não, pois nunca aprendi o officio ; mas por curiosidade fui-me atirando a elle, e trabalho. Até minha filha tambem me ajuda o seu tanto ou quanto: serra, aplaina, etc., etc. : mas isto é só nas obrinhas que eu faço cá em casa.

— Muito obrigado.

Nisto, Maria (a mulher de Filipe), que tinha posto o jantar na mesa, chamou a seu marido para jantar; e voltando-se para os hospedes, disse:

— Vms. não arreparem ; isto é jantar de pobre.

— Oh minha boa senhora ! eu não sou de ceremonias.

Maria e sua filha retiráro-se. Os tres puzerão-se á mesa a comer e a conversar.

Agora vejamos quem é o homem que arrendou as terras a Justino e ao seu companheiro.

Entre os crespos rochedos da Ponta-Negra (distante da barra do Rio de Janeiro poucas leguas), e a pequena collina em que se assenta a igreja de Nossa Senhora de Nazareth de Saquarema, dosten-de-se sobre a costa do oceano uma pequena praia desabrigada e exposta a todos os ventos, e mui principalmente áquelles que da parte do Sul quasi sempre com impetuosidade soprão, e soprão com medonhas rajadas. Entre o oceano e as lagôas de Saquarema e Jacuné, da collina onde está a igreja de que ha pouco falei, o os rochedos da Ponta-Negra, mais ou menos arenosa, mais ou menos coberta de collinas, mais ou meus adaptada á lava-oura (excepto junto da praia, onde as areias so amontoão em comoros), espraiá-se uma restinga chamada a restinga de Saquarema.

No tempo em que sucederão estas cousas que o narrador vos conta, nenhum lavrador cultivava esse

arneíro, quasi todo ingrato á laboriosa enxada. Os estabelecimentos ruraes erão então além das lagôas ditas. Alguns pobres pescadores, que trabucavão a vida já sobre as ondas do oceano, e já sobre as aguas das lagôas, bastante piscosas, erão os unicos e pacatos habitadores dessa terra, quasi estérile maninha.

Entre estes pescadores, o velho Baptista era o mais abastado, isto é, possuia mais redes que os outros, e maior que as delles era a sua canoa. Dous filhos, um de 16 annos de idade, e outro de 14, ajudavão ao velho em seus pescatorics trabalhos.

Um dia, erão 3 lioras da tarde, a tempestade preparou-se no céo ; ao entrar da noite desceu sobre a terra, e com desesperado impeto cahiu sobre os mares. O vento *brisou* (\*), e *brisou* com desabriamento ! Os relampagos luzirão, e luzirão com chamma de raio ! A chuva cahiu, e cahiu com aguas de deluvio ! e emquanto os trovões batião os céos, o peso da borrasca despedaçava os mares ! A noite cresceu, e a tormenta casou-se com a sua tenebricosidade ; e assim casada, requintou o seu tremendo furor ! Mas a noite fugiu, e a procella ficou ! O dia appareceu, e se foi deslizando medonho, e opprimido pelas sombras da tormenta !

Pela volta das nove horas, para o sul, longe, em um horisonte ennegrecido, lá, onde parece que o céo firma sobre os mares o peso de sua vasta abobada, um ponto negro tingia levemente o horisonte. Uma hora depois, menos escuro, seu vulto era maior, mas ainda indefinivel : dir-se-hia uma aza de gaivota, que, á flor das ondas, vagarosa se escoava ; mas os pescadores havião dito que o ponto negro era um navio, e agora dizião que o navio demandava a praia, impellido e acoutado pela borrasca ! Pouco depois elle dizião : « Só traz uma vela.... vem todo desarvorado ! »

Dahi a pouco o navio arr. junto da praia, quasi encalhado. O velho Baptista dizia a seus filhos e collegas :

— Não poderemos nós salvar a estes pobres homens ?

— Cemo, meu pai ? E' impossivel ! Não vê que maretas se levantão na praia ? !

Assim dizia um dos rapazes, e acrecentava o outro :

— Fu duvido que escape um só dos quo veem neste navio....

(\*) Locução vulgar — Brisar — por vento rui-amente.

—Que desgraça! exclamava o velho. Meus filhos, rezemos, e peçamos a Deus por elles.

O velho e seus filhos ajoelháram-se, e dirigiram aos céos as suas orações em favor dos nautas em perigo. Deus ouviu, porque Deus ouve as orações dos bons; mas a ordem providencial havia de muito resolvido a respeito destes navegantes, e ella ia cumprir-se. Finda a supplica, os tres e mais alguns pescadores descerão á praia. O navio encalhou. Sobre a sua popa ergueu-se, com espantoso bramido, uma serrania de mar.... ergueu-se, e sobre o naufragado navio desabou! Os pescadores lançarão um grito de terror! os rapazes, como assombrados, tapáram os olhos com as mãos! A onda, rolando por sobre o navio, quebrou-se na praia, depondo nella espumas, corpos de homens e destroços do barco: a espuma ficou sobre a areia, mas os destroços e os corpos humanos, esses de novo voltarão ao mar no tremendo refluxo da onda impetuosa!

Acaso um corpo involto na onda, e debatendo-se com a morte, acertou de cahir n'um alfaque: a onda começou de recuar em seu refluxo, escoando-se por cima das bordas do alfaque; sobre a borda é que rolava o corpo, mas a agua que o rodeava, e cobria essa borda, não era bastante para de novo o arrastar consigo; se uma mão salvadora ahi o acode, poderá ser salvo, enquanto nova onda sobre o alfaque se não vier despedaçar: mas já ella se levanta, e furiosa, rugindo, vem arrancar á praia a misera vítima, cuja afrontosa morte um acaso demorou por alguns instantes. No entanto Baptista e seus filhos correm em favor do naufrago.... elles correm, e força lhes é correr a bom correr, para que possão evitar o temeroso encontro da onda que pavorosa ahi vem! Deus protege os bons desejos: elles travão do quasi moribundo naufrago; a onda ahi quebra com furor seu impeto, e com murmúrio de morte, cobrindo a praia com uma prateada simbria de espuma, lambe de leve os pés dos tres salvadores, como se humilde e grata pela bella acção viesse beijar as plantas áquelleas que havião posto em risco a sua vida para salvarem a de um miscrando naufrago!

Como se a tempestade se houvesse picado com todo o seu furor contra esse navio, que na praia se desmantelava, começou ella a declinar desde esse momento. Pela volta da tarde a natureza estava tranquilla.

Baptista, levando para sua choupana o moribundo, o qual elle e seus filhos arrancaram ás ondas, não recolheu senão um quasi cadáver; por-

que, attento o logar e falta de meios, era impossível que o naufrago escapasse á morte que lhe devia causar um grave ferimento no alto da cabeça. E' que a primeira onda que na praia havia abafado o barco lhe tinha quebrado todas as guarnições e adornos da popa, e arrancando-lhe o leme, já despedaçado, uma lasca feriu o nauta, que sem sentidos rolou involto na onda, e assim veiu ao alfaque, de onde o tirarão o velho pescador e seus jovens filhos.

Por diligencias destes tres, o moribundo volven a si, mas não se pôde levantar; elle sabia que seu ferimento era grave, e comprehendeu que seu fim não estava longe. Agradeceu a seus salvadores os socorros que lhe procuravão, e declarou-lhes que tudo era inutil, pois que seu fim estava proximo. Depois disse aos tres que enquanto o navio se não despedaçava, procurassem algum meio de nelle penetrarem; que na camara, cm um caramote que lhes indicou, havia uma porção de dinheiro seu, que, se o pudessem salvar, lh' o dava de boa vontade.

O seguinte dia amanheceu bello e risonho, como um dia da primavera: o vento estava secegado, o mar bonançoso, o ar sereno, e o céo claro, puro e brilhante. O navio ainda estava inteiro. O velho Baptista não saiu do lado do moribundo: elle não ignorava que se o navio naufragado se despedaçasse, perder-se-hia o thesouro que lhe fôra dado: o naufrago, que disto perfeitamente sabia, fallava-lhe nisto, e dizia-lhe que fosse ver se salvava esse dinheiro; a que o bom velho pescador respondia que primeiro convinha salvar a elle enfermo.

Não é pois verdade o que se diz dos pescadores em geral, ácerca de sua falta de humanidade. Julgar de uma classe intira por alguns individuos della, é um juizo precipitado, imprudente, e quasi sempre falso: não obstante, o mundo é assim que julga, e nem razão ha para reprehendê-lo de um tal juizo. O mundo vai sempre bem. Dexemo-lo ir.

O leitor não se admirará da caridade do velho Baptista; tambem o narrador não, e no entanto ella não é vulgar.

O naufrago disse então ao velho Baptista que visto não querer elle ir, mandasse seus filhos; e elle mesmo mandou os rapazes, explicando-lhes o como se devião haver.

Forão, o navio estava já todo aluido, a agua da coberta se havia escoado toda pelas imensas fendas que o mar tinha feito: o porão,

sim, é que estava cheio d'agua. Os dous rapazes penetrárao até á camara; e no camarote designado achárao um cofre, que, não podendo mover, arrombárao, e todo o ouro e prata que dentro havia levárao para a sua cangôa, e d'ahi para casa. Apresentado ao enfermo este dinheiro, elle, sem a menor commoção, perguntou aos rapazes se tinham trazido todo; e certo de que ali estava todo, disse ao velho que dispuzesse daquelle dinheiro como lhe aprovasse, e que ali estavão trinta mil cruzados. Dozo contos de reaes! Hoje é um principiozinho de vida; naquelle tempo trinta mil cruzados era uma fortuna!

Pela noite a febre devorava o enfermo; mais tarde o tetano declarou-se: dous dias depois feito foi delle. O velho Baptista e seus filhos, segundo as circumstâncias do logar, fizerão o seu enterro. O velho mandou suffragar sua alma, e dividiu por alguns pescadores algum dinheiro, recommendando-lhes que rezassem por alma do naufrago que em sua casa morrerá.

Poucos mezes depois, Baptista, levando consigo seus filhos, Antonio Baptista e João Baptista, mudou-se desse logar, com os seus vinte e cinco mil cruzados, que é o que lhe havia ficado depois do enterro do naufrago, e suffragios que por sua alma fizera.

Nas immediações do Rio de Janeiro comprou o

velho uma situação, onde começou a viver mais commodamente: ahi mandou melhor educar seus filhos; mas teve o desgosto de perder seu filho mais velho, Antonio Baptista. Seu segundo filho, João Baptista, depois de algumas viagens por alguns logares da província do Rio de Janeiro, voltou para seu pai, já ao depois dos seus trinta annos. Este filho cerrou as frias palpebras a seu pai; e establecido no sitio que delle fôra, casou-se aos trinta e oito annos de sua idade. Um anno depois teve elle o prazer de ser pai. Os bens de João Baptista, augmentados consideravelmente com o dote de sua mulher, e tendo de mais a mais corrido bem as suas cousas, aconteceu que o pequeno sitio da Jurujuba não fosse já sufficiente para suas forças. Dous annos depois de casado comprou uma fazenda, cujas terras confinavão com as de Campos-Novos; mas não pôde effectuar logo a sua mudança por causa da enfermidade de sua mulher, e da qual morreu; de modo que Baptista só gozou as virtudes de sua bonita esposa tres annos. Então, contristado por este golpe, poz um administrador na fazenda, e elle mudou-se para a cidade, onde ficou algns annos, indo uma vez por outra ver a sua fazenda; mas em 1737, deixando Rosa Branca, sua filha, que tinha mais de treze annos, á sua cunhada Rosa, que a tinha criado, mudou-se definitivamente para a sua fazenda.

João Baptista era a bondade personificada.



## CAPITULO V.

### HISTÓRIA.

Os velhos deleitão-se em contar o passado, como os moços o presente: ambos mentem; mas em todo o caso antes as mentiras dos velhos que as dos moços.

Depois do jantar os dous hóspedes dormirão uma boa sesta, e não se levantarão senão perto da noite. *Filippe*, vendo-os entrar na sala, disse-lhes:

— Com efeito! os senhores daqui a pouco, quando se forem deitar, não hão de ter somno.

— Havemos de ter, sim, senhor, respondeu *Pedro*. Tambom eu estava tão tresnoitado, que não podia ser por menos.

— Também eu, disse *Justino*. Já vejo que enquanto dormimos Vm. esteve trabalhando?

— Aqui concertando esta tarrafa.

— Onde pesca aqui?

— Na praia do oceano, aqui vizinha, e nas vallas, quando tem bastante agua; porque então tem algum peixe.

— E o que são as vallas?

— E' que aqui na fazenda dos padres da Companhia ha campinas immensas, mas muito baixas. No tempo das proprias chuvas estas campinas tornavão-se cim um grande mar, e a agua crescia ao

ponto de morrerem muitos animaes afogados: além disto, a agua que ficava estagnada fazia grande dano: que fizerão os padres? abrirão grandes vallas, e uma maior que vai dar á praia, para dar esgoto a todas as vallas que recebem as aguas de toda a campina. A grande valla, quero dizer, a maior de todas, e que vai sahir ao mar, é assim mesmo o leito de um riozinho; de modo que no tempo da cheia nega passagem, e corre com um impeto que espanta e causa medo.

— Todavia! que obra!

— Oh! é obra de Jesuitas!

— Ora bem: enquanto remenda a sua tarrafa, disse *Pedro*, pôde contar-nos a sua historia, segundo nos prometteu.

— Ah! sim; pois eu lh'a conto: mas notê que quandouento os meus acontecimentos, sou alguma cousa minucioso, e trago as cousas de muito longe, de maneira queuento a minha historia *des dos oros de Leda*.

— Temos muito gosto em ouvir tudo, disse Justino.

— Pois bem: nesse caso prestem attenção, disse Filipe.

« E sabido por todos, ou por quasi todos, que em 1542 o nosso patrício Mendes Pinto foi casualmente aportar ao Japão. O logar em que elle apontou era uma ilha pertencente a um tal Nantanquim: quando o Japonez soube que os estrangeiros recem-chegados erão vassalos de El-rei de Portugal, é fama que dissera: — Recejo que estes estrangeiros sejam os anunciados em nossos antigos livros, os quaes, voando sobre os mares, se tornarão senhores de todo o mundo: seremos pois muito felizes se elles quizerem ser nossos aliados.

« Nantanquim perguntou a Pinto se os Estados de El-rei de Portugal erão mais vastos que o império da China: Pinto affirmou-lhe que sim. Perguntou-lhe mais se era certo que El-rei de Portugal tinha conquistado a maior parte do mundo: respondeu-lhe Pinto que era verdade. Perguntou-lhe ainda se era verdade que seu rei possuia duas mil casas topetadas de ouro... (vejão que idéa se fazia por lá do nosso soberano!) Pinto respondeu que não havia logar que contivesse os thesouros de seu senhor!

« O nosso patrício tornou-se extraordinario, e ainda mais por meio de uma arma de fogo que comsigo levava, causando ali a mesma admiração e espanto que causára o Caramurí na Bahia.

« Ora, visto fallar de Pinto, motor da nossa entrada no Japão, creio que assenta bem aqui contar uma aventura deste na corte d'el-rei de Bungo, se é que não a sabem.....

— Não, não a sei, disse Justino.

— Desejo ouvi-la, disse Pedro.

— Pois bem: Nantanquim advertiu a el-rei de Bungo da chegada dos Portuguezes. Este rei sofria da gotta, e crendo que os Portuguezes, tão cobrelos no Oriente, o curarião, os mандou vir á sua corte. Pinto foi bem recebido, e dizem que com efeito curou, ou pelo menos fez que o dito rei tivesse muitas melhorias.

— E com que o curou? perguntou Justino.

— Com uma ou mais raizes que levára da China..

« Algun tempo depois o principe hordoiro quiz, contra a vontade de Pinto, dar um tiro do espingarda. Ignora-se o porquo descuidou-so Pinto, deixando o joven principe carregar a espingarda sem conta; o certo é que a carregou de tal guisa.

que quando disparou a arma, arrebentou-se á força da explosão, e o moço principe, ferido na cabeça, caiu sem sentidos. Immediatamente espalhou-se a noticia do acontecido; Pinto, vendo o principe estirado no chão como morto, lançou-se a elle para ver se de efeito tinha morrido. Neste comeños chegão El-rei, a rainha e toda a corte, e vendo o principe no chão sem vida, e Pinto coberto de sangue, e inclinado sobre elle, entendêrão que o Lusitano o tinha assassinado. Pinto ia morrer. Já dous soldados erguião seus ferros sobre sua cabeça, quando El-rei os deteve, para conhecer o motivo de um tal attentado. As testemunhas declarão que a arma encantada havia morto ao principe, e que o estrangeiro merecia a morte. O rei quiz ouvir o culpado; veiu um interprete, e Pinto, bem amarrado, no meio de cinco carrascos já promptos, foi conduzido ao tribunal.

« Então o Bonzo presidente, chamando-o filho do diabo, perguntou-lhe que motivo o havia induzido a assassinar uma criança. O coitado estava fóra de si, e não ouviu a pergunta. O Bonzo, dando-lhe uma bastonada, fê-lo voltar a si. Pinto protestou por sua innocencia; mas nada lhe valeria, se o principe não tornasse a si de seu longo desmaio: com efeito abre os olhos, e pasma de ver sua familia em lagrimas, juizes, carrascos e um povo furioso que pede a morte de Pinto. Senhor de tudo, o principe declara a seu pai que elle foi o unico causador deste incidente, e pede que imediatamente mande pôr o estrangeiro em liberdade.

« Os Bonzos chamados para curarem o principe achão as suas feridas tão profundas, que as declarão incuraveis: outros medicos são da mesma opinião; mas o principe pede que o deixem só com Pinto, em que elle deposita a maior confiança possível. El-rei promette a Pinto tudo, se elle lhe restituisse seu filho: Pinto sonda as feridas, e reconhece que não são mortaes: entretanto os Bonzos, temendo a perda de seu credito, ou pelo menos um grande abalo nello, se o Portuguez curasse o moço, protestarão que o principe morreria se o estrangeiro tocasse em suas feridas acrecentando que essa morte seria sem demora; e que para apaziguar os deuses era mister sacrificar o culpado. El-rei hesita se deve ou não seguir o parecor dos Bonzos; o principe insta com seu pai, e urge em favor de Pinto: finalmente el-rei move-se, e Pinto começa a cura, que em menos de quinze dias estava quasi feita, e pouco depois não restavaão das feridas senão as cicatrizes.

« El-rei de Bungo encheu a Pinto de favores, e nem o viu partir sem grande pezar.

· Aberto, por assim dizer, por Pinto, o Japão aos Portuguezes, bem depressa voltáro elles a este rico paiz para se assenhorearem de seu commerçio.

Chegando pois ali dous mercadores portuguezes, tiverão por gazalhado uma casa em muito má reputação, pois nella apparecião (como é fama), lá pela alta noite, espíritos malignos; e corre que elles mesmos afirmáro que na primeira noite fôrão não pouco incommodados; mas que na segunda, tendo pintado sobre as paredes algumas cruzes, dormirão tranquillos. El-rei quiz logo conhecer um signal que tinha tão efficaz virtude, e os dous mercadores mui grosseiramente lhe explicáro os misterios do christianismo. Acreditava então El-rei que seus vassallos erão, sem descontinuar, atormentados por estes espíritos, e portanto mandou erigir cruzes por toda a parte, e sem muita demora enviou uma embaixada ao viso-rei das Indias pedindo-lhe doutores de sua lei. Algum tempo depois o memorável padre Francisco Xavier com outros desembarcou em Saxuma.

« Não faltava a este piedoso padre o ardor na conversão dos Japonezes: elle o tinha até por demais; mas infelizmente ignorava a lingua do paiz, o que lhe era demasiado embaraço. Dizem que em uma carta sua dissera: « Se eu soubesse o japonês, fico que muitos dellos abraçarião o christianismo. » Alguis Japonezes, é verdade, admiravão seu exterior pobre, sua vida penitente, seu desinteresse, etc.; mas a mór parte delles desprezavão um homem que não sabia fallar, ou fallava mal a sua lingua.

« Os Bonzos, cujos idólos elle queria destruir, empecião a sua piedosa cumpreza, e por isso pouco fructo tirou, em Saxuma, de sua pregação. Por ultimo teve a dôr de ver o rei prohibir a seus vassalos, sob pena de morte, que abandonassem suas antigas divindades. Em 1552 Xavier veiu para Méaco, onde não foi mais feliz, e onde teve o desprazer de ver-se ridicularizado pela gentilha.

« Enojado então do desprezo que lhe attrahião seus pobres o humildes habitos, tomou novos vestidos de ricos estofos, alugou criados, e apresentou ao mesmo tempo a pompa de um bispo, ligada á sumptuosidade de um enviado do viso-rei das Indias! Com as mãos carregadas de preciosos presentes, e também não pouco curiosos, seguido de um numeroso sequito, apresentou-se Xavier diante de El-rei d'Amanguesi, lhe entregando uma carta do

viso-rei das Indias, como um testemunho de sua amizade. Este principe, movido pelos presentes do missionario, consentiu que prégasse; e em menos de um anno o respeitável apostolo das Indias tinha convertido mais de tres mil Japonezes! Ora, direi de passagem que eu não sou fanatico pelos padres da Companhia de Jesus, e nem por cousa alguma; mas cumpre confessar que este ardor, este zelo, este sublime desejo da propagação da fé, destes valentes guerreiros da igreja, é talvez a mais bella, a mais gloriosa de todas as illustres partes que ennobrem a Companhia de Jesus.

« Xavier retirou-se, deixando em seu lugar o jesuíta Torres. Os Bonzos empregáro seu credito para que El-rei impedissem os progressos do christianismo; e como não lográro um exito feliz, começáro de excitar a revolta a um dos seniores da corte: este pois levantou tropas, e investiu ao palacio. O pobre monarca, exausto de recursos, apunhalou seu filho com sua propria mão, ordenou que lançassem fogo ao palacio, e por fim rasgou as entranhas a si mesmo!

« Os rebeldes fizerão correr o sangue dos novos cristãos; mas os missionarios tiverão a felicidade de se salvar durante o motim. Xavier tornou para o reino de Bungo, cujo rei o recebeu muito bem, e até admirava a moral da doutrina que elle pregava; mas excessivamente amante das mulheres, não se pôde resolver a abraçar uma religião tão austera: todavia, consentiu que Xavier a prégasse, e que seus vassalos a seguissem; mas as intrigas dos Bonzos fazião que as pregações evangelicas tivessem pouco ou quasi nenhum resultado prospero. Xavier, vendo que a religião christã não prosperava, segundo os seus desejos, voltou suas vistas para a China, pois que desejava levar áquellas regiões as luzes do Evangelho: não pôde porém fazê-lo, porque a morte o colheu na ilha de Sanciam, desde então celebre por este acontecimento.

« Por este tempo o imperio do Japão achava-se dividido em pequenos estados, cujos soberanos erão competidores em poder, e emulos em gloria. Com o fim de aumentarem seu poder e riquezas, elles favorecião o commerçio portuguez, e receberão benignamente os seus missionarios, cuja doutrina ia solapando, no animo do povo, o credito dos Bonzos que se havião tornado formidaveis a estes pequenos soberanos, pelo imperio que exercião sobre a multidão. Assim, em troca do alcanfor, da seda crúa, de varias têlas, do assucar, do cato, do borax, espelhos, coral, ambar, etc., exportavão os Portu-

guezes do Japão o valor de mais de douz milhôes de ouro, prata e outras mercadorias. Além disto aquelles que ali se querião estabelecer esposavão as moças mais ricas do paiz; suas filhas devião tambem esposar os cominciantes portugueses, e dest'arte o commercio se devia perpetuar em suas mãos. Era um máo calculo, porque um tal procedimento devia, ou mais tarde ou mais cedo, despertar ciumes nos nacionaes, e excitar seu odio, o que com effeito aconteceu.

« Por este mesmo tempo chegárao ao Japão misionarios instruidos da lingua japoneza, e em muito tempo o numero dos proselytos era immenso! mas a verdade exige que se diga que se estes misionarios erão homens sabios e talentosos, nem por isso erão os mais pios e mais virtuosos; e assim bem depressa perdêrao a confiança de seus neophytes, por causa de seu procedimento, onde se notava um interesse cego, a falta da união, a ausencia da humildade, e absoluta carencia de paz e de caridade, virtudes estas que tanto devem realçar nas almas christãs! Os Bonzos, sempre inquietos ácerca dos progressos da nova religião, suscitavão perseguições contra os christãos: mas a constancia dos martyres, sua alegria no meio dos mais crueis supplicios, seu ardor até pelo martyrio, enchendo de admiração os idolatras, lhes inspiravão um ardente desejo de conhecer uma doutrina, cujas maximas davão tanta força a seus sectarios, tornando-os quasi sobre-humanos! »

« Eu creio que os senhores conhacerão a fórmula de governo do imperio do Japão? »

— Não, senhor, eu ignoro-a inteiramente, respondeu Justino.

— E tambem eu, disse Pedro.

— Pois bem, continuou Filipe; nesse caso basta sabermos que o Japão tinha uma monarchia despotica; o imperador, cujo titulo era o de Dairi, possuia ao mesmo tempo o poder espiritual e temporal. Este rei-pontifice era um personagem sagrado, tido e havido como um descendente e representante dos deuses.

« Em o seculo XI o Dairi, mais zeloso do poder espiritual que do temporal, dividiu o imperio em muitas províncias, cujos governos entregon aos senhores mais sabios e poderosos da nação; o como desde a origem da monarchia toda a milicia ostava ás ordens de um chefe com o titulo de Cubo, o Dairi não confiava este importanto cargo senão a mãos mui habeis, e por demais seguras; quasi sempre

as graves funcções de Cubo recahião em seu segundo filho.

« Aconteceu que um certo Joritomo enjôou-se de obedecer a um monarcha indolente; e, como era elle o Cubo, facilmente tornou-se senhor da monarchia. A guerra arrebentou por toda a parte; os governadores usurpárao as provincias que governavão, o assim convertêrao-se em pequenos reis. O Cubo triumphou do Dairi, e o reduziu ás funcções sacerdotaes, e ao vão titulo de Dairi. De então por diante todo o poder existe nas mãos do Cubo, e o Dairi não passa de um vão personagem, sem poder algum, e cheio de uma ridicula vaidade! »

— E em que consiste a sua vaidade? perguntou Pedro.

— O Dairi reside em Méaco, respondeu Filipe; e sob o pretexto de velar por elle, o Cubo conserva sempre em torno de seu palacio uma guarda que lhe não consente dar um passo fóra delle; e, como o Dairi nenhum poder tem, é o Cubo quem provê, e abundantemente, as suas necessidades. Todavia, ha, não obstante, algumas outras cousas que engrossão o seu thesouro. Em quanto o Cubo governa o paiz com o maior despotismo possivel, o Dairi, encerrado em seu palacio, usana-se de ridiculas honras. Elle tem-se em tão alta conta, fórmata elevada idéa de sua santidade, que acreditaria profana-la se tocasse a terra com uma das pontas de seus dedos; e por isso anda sempre carregado. Não julgando o sol digno de luzir sobre sua cabeça, já-mais aparece de dia. Elle reputa de tanto preço todas as partes de seu corpo, e ainda as menores, que é só durante o seu sonno que lhe cortão as superfluíndades de suas unhas e barbas. Acreditando que a tranquillidade do Japão depende unicamente de suas vistas, colloca-se todos os dias pela manhã sobre o throno, em uma perfeita imbonilidade; se com effeito não se move, os Japonezes nada temem que temer; mas se por qualquer accidente volta os olhos, devem os Japonezes temer grandes desgraças na província, para a qual elle os volton. Apezar porém de tanta santidade, o Dairi come; mas a baixella em que é sorvido é logo inutilisada, porque os Japonezes creem que será desgraçado o mortal que della servir-se. Esta sauta magestade toma doze mulheres, o reparto as honras do throno com a que é māi do principe herdeiro. Entretanto, apezar de tanta e tão ridicula vaidade, os Japonezes pouco se importão com esta cõrto. Estes soberanos nascem, reiñão, sucedem-se, abdicão, e morrem, sem

que os vassallos se importem com isso ! Agora que temos algumas luzes sobre estas cousas do Japão, sigamos os acontecimentos, e vejamos o que foi parte para a ruina do nosso commercio nesse grande imperio, e para a destruição da christandade. Sigamos pois.

« Assim estavão as nossas cousas, no Japão, no melhor pê possivel : florescia o nosso commercio, e dilatava-se a nossa religião, quando uma revolta abalou todo o imperio. Mioxindona, rei de Imori, ingrato aos immensos benefícios que do Cubo Josito tinha recebido, apodera-se do governo. Convém declarar que o Cubo, desconsolado dos áprestos que fazia o rei de Imori, e avisado da traição, fugiu : distante meia legua de Méaco lhe representarão o quanto era infame fugir de seus vassallos. Elle volta, os rebeldes lanção fogó ao seu palacio ; intrepidamente elle abre um caminho pelo meio das chamas, seguido apenas de duzentos companheiros ; mas tendo rompido o fogo, não pôde romper as cerradas columnas dos rebeldes ! Então batem-so com denodo, todos os seus morrem, e elle morre tambem como um verdadeiro heróe !

« Por este tempo reinava sobre uma parte do Japão um destes homens extraordinarios, em quem tudo é grande, e as vezes até seus vicios ! Guerreiro impavido, conquistador ambicioso, rei magnifico, genio árdido, espirito penetrante, inimigo implacável, mas franco, generoso e desinteressado, elle preferiu a gloria de fazer imperadores á de ser elle mesmo !

« Propuzerão-lhe que collocasse sobre o throno o seu legitimo herdeiro. Noba-nunga reune suas tropas, acommette os rebeldes, vence-os, e coloca sobre o solio de scus antepassados, onde o firma, a Cavadono, seu herdeiro legitimo.

« Ora, como o Cubo Josi-tio, a victima dos rebeldes, protegêra a religião christã, os Bonzos derão todo o auxilio aos sediciosos. Noba-nunga o soube, e tomou aos Bonzos uma de suas casas para hospedar o principe, pois seu palacio havia sido devorado pelas chamas. Querendo edificar um novo palacio, escolheu para isso um terreno sagrado, e presidia elle mesmo ás obras. O povo, á seu exemplo, tomou parte nas obras deste palacio.

« Os Bonzos, reclamando os seus privilegios, recusáram prestar suas mãos sagradas a um edificio profano ; mas Noba-nunga os forçou a obedecerem. Depois faltou a pedra para a obra ; Noba-nunga forçou os Bonzos a demolirem alguns de seus templos nais vizinhos, e a carregarem elles mesmos os mate-

riaes para a construcção do palacio imperial. Ainda mais, ordenou a estes sacerdotes fanaticos que construissem outro palacio para elle mesmo ; foi dito e feito. Os Bonzos, bramindo em seu impotente furor, ameaçáram Méaco com uma proxima ruina. — Tanto peior para elles, disse Noba-nunga ; porque se verão forçados a reedificarem Méaco. — Não obstante, o povo tremia ácerca destes sinistros presagios ; mas o valente monarca de Voary, superior a tudo, dizia : — Tranquillisai-vos, Méaco não é uma aldêa, cuja destruição seja obra dos Bonzos : quanto ao céo, não tenhais cuidado, porque não tomará a peito a causa de uns personagens tais como são os Bonzos. »

« Meus amigos, os reis quasi sempre se perdem não por si, mas por causa dos vis aduladores que os cercão, e que, interpostos á verdade e ao throno, embaraçao que aquella chegue aos pés deste. A cousa mais estranha que pôde aparecer ante os reis, se por ventura o pôde, é a verdade ! Os reis não são felizes, regra geral, e não o são, uns por serem maos, e outros por serem bons : os que não são felizes por serem maos, é porque são maos ; os que não o são, sendo bons, é porque tem validos e cortezãos ; isto é, porque vivem rodeados dos inimigos da verdade. Ora, eu não sei se o homem julga que o beneficio o rebaixa, ou se por sua natureza nasceu ingrato ; o certo é que quasi sempre o é. Deixemos estas reflexões, e sigamos.

« Os cortezãos de Cavadono persuadirão-no que se livrassse de Noba-nunga ; e o imprudente, sem mais exame, fez sentir ao heróe que elle era seu senhor ; e ás queixas apresentadas por este, elle respondeu expellindo-o de sua capital e a todos os seus. Tudo isto erão manejos dos Bonzos. Emfim, Cavadono declarou a guerra ao seu bemfeitor, áquelle que o havia posto e firmado sobre o throno de seus antepassados !

« O generoso Noba-nunga, seguido de 50,000 guerreiros, marcha contra Méaco : quatro dias inteiros demora-se diante de suas portas : mais humano que vingativo, representa a Cavadono a sua ingratidão ; e mais generoso que guerreiro, manda-lhe offerecer a paz ! Vendo porém desdenhosamente repellidas as suas proposições de paz, enche-se de um profundo pezar.

•, « Os suburbios de Méaco desapparecem consumidos pelas chamas : os habitantes da cidade baixa supplicão humildes ao guerreiro que os preserve do saque ; elle assente ao seu pedido : os da cidade alta conduzem-sê com altiveza ; mas são te-

pellidos com desdem. Entretanto Cavadono, encerrado na cidadella, vê insensivel todas estas desgraças. Noba-nunga leva tudo de vencida ; o incendio e a destruição assignalão a passagem de seus soldados, e elle, como vencedor, apresenta-se diante da cidadella. Cavadono pede finalmente a paz. O heróe, movido da fraqueza de seu caracter, lhe conserva o titulo de imperador, e reserva para si todo o poder. Repentinamente deixa a capital, sem querer avistar-se com Cavadono ; porque sua presença era reclamada em seus estados, acommettidos, durante sua ausencia, por alguns vizinhos inquietos : mas chegar e vencer, foi tudo a obra de um momento. Elle pôde dizer como Cesar :—Cheguei, vi, e venci.

« Assim estavão as cousas do Japão : o christianismo fazia tantos progressos, que em 1685 com grande admiração de toda a christandade viu-se chegar a Roma uma embaixada japoneza, mandada pelos reis de Bungo e de Arima, e pelo principe de Omura, a render ao papa as suas homenagens ! Tudo induzia a crer que este imperio ia ser inteiramente christão ! Mas era o derradeiro clarão da luz, que vacilla proxima de seu fim !

« Noba-nunga desceu ao tumulo, o sua morte encheu o Japão de immensas desgraças !

« Faxiba, nascido simples camponéz, o tendo, pelo seu valor, vindo a ser general dos exercitos de Noba-nunga, declarou-se tutor de seu filho, orphão, e ainda no berço : esto celebre soldado da fortuna fez com quo o Dairi lho dësse o titulo de Combacú, o depois o de Cubo : todo o imperio o reconheceu, todos os reis sujeitáro- se, afóra os reis de Ava o do Nicava quo não puderão resignar-se a ver sobre o throno um homem de tão baixa estófa : assim ligados contra elle, lhe declaráro gnorra.

O Combacú lovantou um exercito de sessenta mil homens, o obrigou a seus inimigos a se encerrarem em um castello, collocado om uma floresta, situada no meio de um profundo vallo. Faxiba fez imediatamente lovantar uma muralha em um lugar, unico que podia dar sahida ás aguas ; o desviando o curso do um rio, quo passava acima da floresta, o fez entrar no vallo. Poneo a poneo as aguas forão subindo ; depois chegáro ao pé do muro do castello, o successivamente se eleváro. Temendo de serem engolidos pelas aguas, os dous reis rendêrão-só á discreção. Faxiba lhes concedeu a vida, mas privou-los de sens dominios, não lhes deixando sonão um muito modico rendimento.

« Tem-se pensado que o odio dos Bonzos ao christianismo, e a fraqueza dos novos christãos japonezes forão a principal e unica parte para as desgraças que a religião christã sofreu no Japão : não tanto assim : houve em verdade odio, e muito odio dos Bonzos, intrigas, e talvez travessuras da corte, mas houve muita imprudencia, e ainda desmanchos da parte dos missionarios.

« Faxiba, por meio da mais cavilosa e perversa politica, tornou-se o mais terrivel senhor, e o mais formidavel despota ! Para assegurar a sua tyrania, cimentou-a com leis de sangue. As faltas de policia convertrão-se em crimes de estado, um dito imprudente em crime de lesa-magestade ! em sim, a perseguição foi erigida em lei ! Tal foi o es- tado deploravel a que chegou o imperio do Japão !

« O numero dos christãos era já immenso, e muitos dos reis vencidos o erão. O imperador tolerava apenas uma religião severa, quelhe imporia o dever (se elle a tivesse abraçado) de ser justo, humano e benéfico para com seus vassallos, e o forçaria a renunciar uma multidão de mulheres que lhe pro- digalisação sua ternura. Entretanto os Bonzos não só lho deixavão um livre curso ás suas paixões, como até as lisongeavão : isto fez com que Faxiba escutasse facilmente as suas queixas contra os mis- sionarios. Estes tinham desgraçadamente, por seu procedimento, dado não poucos motivos de quei- xas contra si. Annunciando um Deus pobre e hu- milde, elles erão avaros e soberbos ! Os mesmos novos christãos se molestavão deste procedimento, e se envergonhavão pezarosos de verem seus pais espirituales darem mais atenção ás suas riquezas quo á salvação de suas almas. Além disto os jesu- itas tinham commetido um erro notavel, não querendo restituir a um filho uma casa que o pai lhes havia dado, talvez contra o direito, e que este filho reclamava. Viu-se, com indignação, estes padres tolerarem em seus proselytos o commercio de es- cravos, quo elles ião vender em outras ilhas da In- dia, o consentiram uma avidez excessiva de ganho nas vendas das mercadorias, e uma usura horrivel- mente escandalosa !

« Os bispos, insuflados do orgulho, julgáro in- digno delles o caminhar a pé, como os Apostolos ; e por isso erão carregados em soberbos norimons : sen fausto o seu sequito bem depressa igualáro aos dos grandes senhores ; e tão longe leváro seu or- gulho o sua vaidade, que pretendêrão a mais ele- vada jerarchia !

« Um bispo Franciscano, encontrando-se com

um conselheiro de estado, não quiz, segundo o uso da terra, apear-se para saudal-o, e nem sequer parar ! Emfim, esquecerão-se inteiramente de que estavão em um paiz estranho, e onde os mais eminentes presonagens da igreja não podião ser em geral tão bem acatados, como em um paiz perfeitamente catholico.

« Desesperados ao ultimo ponto, por causa do sem numero de neophytes que todos os dias adqueiria a religião christã, vendo os novos christãos arruinarem seus templos, destruirem seus idolos, e proclamarem que só a sua religião era a unica verdadeira, os Bonzos persuadirão facilmente ao imperador que padres, cujo procedimento estava em aberta contradicção com a moral e doutrina que pregavão, não erão nem podião ser Apostolos da verdade, mas sim verdadeiros hypocritas !

« Com efeito, o imperador creu facilmente que estes padres cobrião-se com o manto da virtude para occultarem algum tenebroso plano: a contradicção de sua doutrina com suas accções foi parte principal para que elle isto cresse. Assim o imperador notou que as diversas ordens de missionarios disputavão reciprocamente honras e supremacias, o que erão por demais ambiciosos de logares e riquezas. A' vista disto, pensou que estes homens não erão tão desinteressados que não aspirassem á gloria de terem um soberano de sua religião, que lhes assegurasse a pacifica posse de tudo quanto cobiçavão. Além disto temeu que viessem a ser tão poderosos, que pudesse operar uma revolução no imperio em favor do Papa dos Portuguezes, ou de algum rei christão seu tribulário, como elle dizia. De outro lado os Bonzos fazião o quanto era possível para desacreditarem os missionarios. Dous milhões de Japonezes desertados de seus templos, seus deuses destruidos, seu culto desprezado, e temendo que o restante do povo fizesse o mesmo, era para elles um negocio em demasia ponderoso ! Aos temores e receios do principe, ao odio e má vontade dos Bonzos, ajuntando-se a inveja e calunia dos Hespanhóes e Hollandezes, que desejavão arruinar o vantajoso commercio portuguez no Japão, seguiu-se a destruição da pequena christandado destes logares. O imperador resolveu pois perder os missionarios, e aniquilar totalmente a religião christã.

« Os Hollandezes, que ha muito invejavão o nosso commercio no Japão, acertáron de por este tempo chegarem com dous pequenos navios ao porto de Firando; ahí pedirão permissão, não só do vende-

rem o seu carregamento, mas tambem de dahi por diante commerciarem com os Japonezes, com condições a estes mais vantajosas. Os grandes senhores, pela maior parte, não gostavão dos Portuguezes; e os outros, afóra os christãos, partilhavão os mesmos sentimentos: elles erão mal vistos por causa da sua cobiça no commercio, por causa de sua vaidade, e por causa das perturbações que ao imperio havia trazido a sua religião. No entanto os Hollandezes mostravão-se modestos, graves, comprazenteiros, ocupados só de seu commercio, e, o que era mais, não trazendo consigo padres: assim sem custo obtiverão a permissão pedida.

« Ao mesmo tempo chegou á corte um antigo governador das Filippinas, e ofereceu fornecer, com condições mais favoraveis quo as dos Portuguezes, o triplo das mercadorias que estes trazião. O Cubo, que não poupava os Portuguezes senão pelo temor de ser privado dos generos das Indias o da Europa, aceitou suas ofertas, com a condição de que não introduzirão nos seus estados um unico padre. Não sendr os Portuguezes pois mais necessarios, o Cubo começou de perseguí-los, e causar-lhes quanto mal podia.

« Aqui passarei por alto alguns incidentes, porque o meu fim é tão sómente contar como foi a religião christã introduzida no Japão, e dali banida.

« Algum tempo depois destas cousas, uma guerra, e guerra por demais horrivel, arrebentou entre o Cubo e Fidejori, o verdadeiro imperador, seu pupilo. Os christãos, sempre inclinados aos legitimos soberanos, seguirão o partido do joven Fidejori; este foi vencido. Mais de cem mil christãos perecerão nos combates, e sua religião tornou-se mais odiosa ao imperador; este sobreviveu pouco a uma victoria que o tornou senhor do Japão; mas seu filho, herdando os estados que elle usurpára, e cem elles a sua tyrannia, herdou igualmente seu odio contra os christãos, e sua desconfiança contra as nações européas. Xogun-Sama renovou a perseguição com mais furor ! Nada foi pougado ! Não houve distinção de sexos, de idades, e nem de condições. Torrentes de sangue inundáron os cadasfatos; e não poucas vezes se viu expirarem entre chamas, atados ao mesmo poste, filhinhos pendentes do seio de suas mães !

« Não erão os monarchas e os idolatras do Japão os unicos inimigos do christianismo; não, porque a cobiça dos Hollandezes dirigiu-lhe golpes não menos rudes, não menos profundos ! As calumnias e intrigas dos Hollandezes contra os Portuguezes fo-

rão de tal sorte, que o furor de Xogun-Sama subiu ao seu auge contra os christãos! Para que um só não escapasse ao seu furor, exigiu de cada um de seus vassalos uma declaração da religião que professava. Todos os christãos que estavão presos forão imediatamente mortos no meio das chamas. Uma embaixada hespanhola foi reenviada com desdem. Os portos do Japão forão fechados a todos os estrangeiros, á excepção do de Naganski, para os Portuguezes, e o de Firando para os Hollandezes. Os Hespanhóes, os Chinezes e os Coreanos forão banidos. Não se permittiu, nem aos que erão casados com Japonezes, o levarem consigo as suas mulheres, e lhes foi preciso deixar no Japão seus filhos e seus bens! Todos os bens dos christãos forão confiscados. Deu-se providencias para que fossem queimados os navios hespanhóes que surgissem em Naganski. Emfim não houve precauções que se não tomassem para que nenhum missionario dali por diante pizasse mais o solo do Japão!

« Como os Hollandezes não levavam consigo missionarios, bem depressa seu credito se tornou immenso: elles tiverão a habilidade de persuadir á corte de Jédo que sua religião era em tudo diferente da dos Portuguezes. Para chegarem a seus fins accusáron os Portuguezes de ainda introduzirem missionarios no Japão, e de serem espías de potentes estrangeiras que desejavão invadir o imperio. Para serem melhor acreditados, tiverão o cuidado de acompanhar a sua delegação com bons presentes; e se obrigáron a levar ao Japão as mesmas mercadorias até ali conduzidas pelos Portuguezes, e em maior quantidade, e por menor preço, se o imperador lhes quizesse conceder o privilegio exclusivo do commercio. O monarca não conveiu logo, mas lhes concedeu uma inteira liberdade, no entanto que opprinha os Portuguezes com os mais apertados vexames!

Na pequena ilha de Désima, á entrada do porto de Naganski, os Hollandezes ajndáron aos Japonezes a construir duas ordous de pequenas casas, destinadas a servirem de habitação aos Portuguezes. Um aterrado, comunicando a ilha com a terra, foi guardado pelos Japonozes. Os Portuguezes, chegando, ficáron elevados de ver esta nova construção rodeada d'água! O governador lhes fez saber quo aquellas casas serião sua habitação dali por diante; quo se quarião negociar deverião entregar suas armas e sua artilharia, quo ficarião depositadas em suas mãos, quo não entrarião na cidade so-

não acompanhados de uma guarda japoneza; que nada levarião do uso dos missionarios; e que jámais fallarião com os Japonezes sobre religião! Era muito duro, mas a necessidade não tem lei.

« Já veem que os Hollandezes havião feito muito, e que devião estar satisfeitos; mas não: querião excluir completamente do Japão o nosso commercio, para que elles o gozassem exclusivamente; para isto arranjáron uma carta que singrão colhida de improviso a bordo de um navio portuguez, a qual era escripta por um senhor japonez, chamado Moro, que era christão. Nesta carta estava traçado o plano de uma conspiração tramada pelos christãos do Japão, de mãos dadas com os Portuguezes, e cujo fim era matar o imperador, e mudar o governo do paiz. Na mesma carta se lia o nome de todos os Japonezes que entravão na conspiração. Esta carta foi pelos Hollandezes enviada a Jédo. Correu que outra igual fôra interceptada por um barco japonez. Moro foi imediatamente preso, e pereceu entre os mais barbaros supplicios! O restante dos christãos forão sacrificados. O sangue inundou as ruas. Conta-se que os christãos mortos nesta perseguição passáron de quatrocentos mil! Os Japonezes forão obrigados a trazerem sobre seu peito a figura de alguns de seus idólos. Com o fim de se vedar a entrada do Japão aos christãos, ordenou-se que dali por diante todos os que ali chegassem fossem obrigados a calcar aos pés um crucifixo e a imagem da Santissima Virgem. Todavia as nações autorisadas a commerciarem com o Japão forão exceptuadas desta lei. Em cada anno o commissario de cada quarteirão faz uma lista exacta de seus habitantes; visita cada uma casa seguido de dous homens, levando um um crucifixo, e o outro uma imagem da Santissima Virgem: o commissario chama a todos os moradores da casa, sem exceptuar os mesmos meninos, e em sua presença lhes faz calcar aos pés estas imagens veneradas pelos christãos! E isto o que no Japão se chama *fazer o jesumi ou jesuma!*

« Vendo então sua vida em perigo, trinta e sete mil christãos, collocando-se sob o commando de um seu antigo principio, apoderáron-se do importante forto de Ximbara. O imperador enviou contra elles um exercito de oitenta mil homens, aos quaes os Hollandezes não se pejáron de reunir a sua artilharia e um de seus navios, cujas peças durante quinze dias fulmináron sobre os sitiados, quo morrerão todos com as armas na mão! O inimigo recompensoou os Hollandezes por osto bello serviço; mas

os mesmos Japonezcs, mais tarde, olhárao com desprezo para os christãos que havião fornecido armas o braços contra outros christãos!

« Os Portuguezes forão para sempre excluidos do commercio do Japão. Dous navios recém-chegados com mercadorias forão reenviados. Conta-se que poucos dias depois chegára uma embaixada portugueza, a qual fôra immediatamente presa, e o navio desarmado: que perguntando-lhes os Japonezes se tinhão tido notícias do edito do imperador, e respondendo elles que sim, mandárao um correio á corte; voltando este, os enviados apparecêrao perante o governo como criminosos: que reclamando em seu favor o direito das gentes, não fôrão atendidos; sendo-o todavia se quizessem abjurar a religião christã; mas repellindo elles uma tal proposição, forão degolados! que treze do numero delles forão reservados para irem annunciar aos habitantes de Macáo que os Japonezes não querião mais receber delles nem dinheiro nem mercadorias; que tinhão queimado o navio e quanto pertencia aos que forão executados!

« Esta infracção do direito dos povos foi seguida de uma lei, que ordenava aos governadores das cidades marítimas que queimassem a todos os navios christãos que surgissem em scus portos, e que toda a companha fosse morta.

« Tres annos depois, em 1641, o imperador reconheceu que pouca diferença havia entre a religião dos Portuguezes e a dos Hollandezes. Então forão obrigados a demolir suas casas, sobre as quaes tinhão esculpido a éra christã, prohibidos de cele-

brarem a paschoa e o domingo, e de se absterem de todo e qualquer signal de christãos. Com effeito os Hollandezes se sujeitárao a tudo. Pouco depois forão encerrados na prisão de Désima, que elles mesmos havião ajudado a construir para os Portuguezes! e d'ahi não saherem senão duas vezes no anno, mas bem acompanhados. Quando seus navios chegão são desarmados, e suas armas lhe são entregues sómente quando querem voltar. Andão constantemente vigiados, e são sujeitos ás mais infames baixezas! »

Eis o que corria na India quando eu lá estive, sobre as cousas do Japão. Rem veem que as notícias que correm entre o povo de ordinario tomão mais ou menos vulto; assim não fico pelas alterações que nesta historia possão haver. Ora, eu podia contar a minha historia sem trazer a pello a historia do Japão; mas que querem? gosto de contar este trecho da historia daquelle imperio, porque ali começou a historia mais notável de minha familia.... Além disto, o contar historias antigas e maravilhosas é uma mania nos velhos, e mania bem desculpavel. Agora que finalisei este interessante pedaço da historia japoneza, passo a tratar da historia de minha familia, e por conseguinte da minha. Ora, creio que a noite deve ir adiantada. Não julgão melhor que fique o resto para amanhã?

— Como lhe parecer, respondeu Justino.

— Pois até amanhã.

Despedidos, recolherão-se todos.





## CAPITULO VI.

### ● PASSADO.

O homem orgulhoso, decahido de uma brillante fortuna, acredita-se, como os restos (ainda dignos de admiração e respeito) de um magnifico edifício arruinado : o mundo porém o encara como uma mulher decrepita, que fôra uma bella cortezã, mas que actualmente para nada presta.

O sol, espraiando uma torrente de luz por sobre a face azul de um céo limpido e bello, mandava á terra um dia alegremente sereno, e mais alegremente encantador.

Os dous hospedes de Filipe, tendo-se levantado mui cedo, sahirão para fóra de casa, com o fim talvez de gozarem do doce humor da manhã. Pedro, tendo entrado a horta de Narcisa, do que depois fallaremos, ahi passeava descuidoso; Justino, assentado sobre uma roliça pedra que no terreiro havia, parecia deleitar-se com o suave calor de um sol nascente, sol cujo primeiro, mas frouxo raio, feria-lho branda e preguiçosamente um dos lados. Filipe e sua familia estavão ainda em casa.

Da tranqueira um cavalleiro saudou ao dono da casa, e entrou. O elegante cavalleiro era um lindo e esvelto mancebo, montado em um possante e brioso cavallo mursello, cujo freio era de prata, e as cabeçadas e rabicho tachonadas do mesmo me-

tal : seus pequenos pés, que adornava um par de grandes esporas de prata, firmavão-se em dous grandes estribos, tambem de prata ; e como o bello cavalleiro parecia cuidar muito dos jaezes de seu cavallo, toda esta prata reflectia aos raios do sol, que se elevava.

O moço, tendo fallado da tranqueira, abriu-a, e entrou : fechou-a, e levando o seu cavallo em uma marcha batida, o foi esbarrar á porta da choupana de Filipe. O bello ginete, a impulso de seu dono, deixa-se escorregar das pernas trazeiras, e firmando-se sobre as dianteiras, estaca, ficando meio assentado sobre os quartos. O elegante cavalleiro ficou em sua sella firme como um rochedo.

As pessoas da familia vierão á porta saudar o moço, que ahi conversou um pouco. Justino approximou-se, e contemplou-o muito. Pouco depois o cavalleiro despediu-se. Retirado este, perguntou Justino a Filipe :

— Quem é este bello moço, Sr. Philippe ?  
— Ah ! respondeu Philippe, é o filho do fazendeiro aqui vizinho, que está estudando para ordenar-se, e de quem já lhe fallei.

— Lembro-me. E' um lindo moço....  
— E' ; e passa até por bom rapaz.  
— Admira que queira ser padre....  
— Agora admira !... Não é elle que o quer, é o pai.

— E sujeita-se elle ?  
— Quem sabe ? Elle tem juizo...  
— Em sujeitar-se á vontade paterna, não ?  
— Não só por isso ; mas porque o pai já é velho.  
— Sim ; e como o pai já é velho, o moço não quer desgosta-lo....  
— Em sua vida ; e nisso faz bem.  
— E no entanto toma as ordens contra a sua vontade !...  
— Não ; e para que ir tão longe ?  
— E então que fazer ?  
— Oh ! houvesse remedio para a morte, como há para isso !

— Enfim, não comprehendo.  
Pedro, que havia ha algum tempo entrado e assistia a este dialogo, disse tambem por sua vez :  
— Nem eu. O Sr. Philippe e o tal moço bonito lá sabem o mysterio.

Pedro pronunciu estas palavras com um accento tão repassado de malicia, que não escapou a Philippe, o qual desdenhosamente responden :

— Não : não ha nisso mysterio. Tenho ouvido que o rapaz se não quer ordenar ; mas o pai de tal cousa não sabe, e acredita que o filho está com elle muito de acordo : ao menos é o que se diz.

— Mas uma vez que está estudando.... disse Justino.

— Mas uma vez que está estudando, disse Philippe, vai ganhando tempo ; diz ao pai que não pôde tomar as primeiras ordens nestes quatro annos ; ora, em quatro annos muito se pôde fazer ; em quatro annos muitas mudanças sucedem-se. Quem sabe ? Não pôde o pai morrer nestes quatro annos ?

— Sem duvida, sem duvida ! O rapaz tem juizo. Ao menos não dá desgostos ao pai.

— Então acha que faz bom nisso ?  
— Muito bem.

Alguns instantes depois os tres almoçárao. Findo o almoço, Philippe foi á sua pequena roça. Pedro e Justino sahirão com animo de caçarein. Ao meio dia achárao-se todos em casa ; os dous trouxerão alguns passaros de sua caçada. De tarde sahirão a

dar providencias sobre os materiaes para a casa em que os dous devião armazena a sua tasca, ou armadilha, em que deveria cahir o fructo do suor alheio. Nessa tarde tudo ficou justo. Tres dias depois a obra devia ter começo.

A' noite, a pedido de Justino, e tambem de Pedro, Philippe reatou o fio de sua historia, e continuou assim :

« Esteve meu avô paterno em Amsterdam, e ahi não só familiarisou-se com a lingua, como com os costumes do paiz ; voltando a Lisboa, d'onde era natural, fez ahi um bom casamento. Era já meu pai nascido quando veiu a Lisboa um Hollandez, que em Amsterdam fôra amigo de meu avô ; achando a este sofrivelmente estabelecido, e sendo elle negociante, aconselhou-o, e persuadiu-o para que fizessem ambos una viagem ás Indias Orientaes, commerciando como socios. Minha avó havia morrido poucos dias antes ; e meu avô, não tendo quem o pegasse senão a meu pai no berço, tomou o conselho do amigo ; assim entregou seu filho a parentes que o ficárao criando : preveniu tudo o que estava ao seu alcance ; e, estabelecidas as bases da sociedade, embarcou-se com o Hollandez. Meu pai ficou no berço, como disse, contaria então um anno, pouco mais ou menos. Depois de algumas tentativas com pouco fructo, começárao a negociar entre Macáo e Japão, isto no anno de 1642 ; meu pai tinha então os seus quatro annos.

« Ora, á vista do que acabei de referir sobre o Japão, é de suppor que os dous negociantes em Macáo fossem Portuguezes, e no Japão Hollandezes. Como fosse, o que é certo é que no fim de tres annos os dous socios se deshouverão, e por desgraça para meu avô deshouverão-se no Japão : e, ou o mesmo socio revellou tudo, ou qualquer ontra pessoa : o que é porem certo é que o navio, o carregamento, e quanto elles tinhão, foi tomado tudo pelo governador de Naganski. O Hollandez foi banido, e meu avô posto em prisão. Algum tempo depois meu avô foi posto em liberdade, sendo-lho tudo restituído, e com largueza.

« Contava meu avô, que sendo interregado pelo governador, declarára que não era Portuguez, bem que tivesse nascido em Lisboa ; que sua mãe sim era nascida em Lisboa ; mas que seu pai era Motiro, e que sua religião era o Islamismo ; que assim obtivera a sua liberdade e o quanto era seu.... Sigamos.

« Então livre deste perigo, veiu estabelecer-se em Macáo em 1646 ; meu pai devia por este tempo ter

os seus oito para nove annos ; o quando tinha os scus trinta e quatro, pouco mais ou menos, com consentimento de meu avô, que estava em Macáo havia vinte e cinco annos, e achava-se então podre de rico, casou-seem Lisboa em 1671 com uma sua parenta ; isto é, sobrinha de meu avô, cujo pai, seu primo, era seu correspondente em Lisboa.

« Meus pais tiverão dous filhos antes de mim, e estes morrerão ; eu porém não vim ao mundo senão quatro annos depois de seu consorcio, em 1675, e o meu nascimento custou a vida a minha mãe. Pouco tempo depois meu pai partiu para Macáo a chamado de meu avô, que, velho, carecia de quem o ajudasse ; mas meus avós maternos não puderão consentir que meu pai me levasse consigo ; fiquei pois em Lisboa, e só depois da morte de meus avós, de quem era eu o unico herdeiro, em 1701, tendo os meus vinte e seis annos, é que fui para Macáo por chamado de meu pai. Meu avô paterno havia morrido. Quando cheguei a Macáo, bem que acostumado eu a ver muitas riquezas, e immenso luxo em Lisboa, não pude comtudo furtar-me á admiração das riquezas e luxes que oncontrei em casa de meu pai ! Bella casa, magnificos jardins, elegantes e custosas mobilias, preciosas cópas, ricas baixellas, emfim escravos, palanquins, ouro, prata, pedras preciosas, etc., etc., tudo ali havia, e havia com luxo e magnificencia. »

Neste logar da narração de Philippe, Narcisa, com um ar altivo, lançou sobre Justino e Pedro um olhar soberbo ! Os dous o comprehendêrão, e o traduzião : talvez que verdadeira fosse a traducção que lhe derão. Philippe enxugou duas lagrimas que se lhe escoárão ao longo de suas pallidas e rugosas faces, e prosseguiu :

« Meu pai sobreviveu pouco á minha chegada a Macáo ; e eu, seu unico herdeiro, vi-me senhor e possuidor de uma consideravel fortuna na idade de vinte e nove annos ! Com vinte e nove annos, pois, sonhor de um cabedal immenso, eu, nascido e criado em Lisboa, affeito a seu luxo, voluptuosidades e divertimentos, era impossivel acostumar-me ás semsaborias de Macáo, e ás suas sociedades estupidas e desemxabidas. Em consequencia comecei a liquidar minha casa, com animo firme de voltar a Europa, e fixar a minha residencia em Lisboa. E' verdade que eu não esperava grandes interesses nesta cidade ; mas esperava divertir-me, e divertir-me muito, que era o quo eu mais queria.

« Firme pois neste plano, vendi tudo quanto não

podia transportar, e com tudo quanto o podia, e com muito dinheiro, embarquei-me para Lisboa, cinco annos depois da minha chegada a Macáo. Estava eu nos meus trinta e um annos.... Ah ! nos meus trinta e um annos !.... »

Philippe, longe de dizer estas palavras naturalmente, declamou-as com tão pathetico accento, que o seu som agudo e ungido de dôr foi não só ferir os corações dos ouvintes, como ahi embeber uma particula dessa dôr tão desesperada !

Justino pareceu indiferente á commoção causada pelas palavras do velho. Pedro pareceu comungido. Narcisa, corando, abaixou a sua linda cabeça. Maria enxugou uma lagrima ! e depois fitou em seu marido, ainda cheios de lagrimas, dous olhos que deverião ter sido bellos na manhã de seus innocentes dias ! Philippe suspirou ! Este suspiro não era a explosão dc nma dôr abafada ; não, que Philippe não poucas vezes havia contado a sua historia ! Era perém uma das mais agudas notas do luctuoso canto da saudade, ou antes hymno da morte de suas felicidades, debuxado em seu coração pelas suas desgraças, e cujas tristes modulações lamentava sua alma (que as não cantava) quasi sem interrupção.

Era pois o suspirar saudoso por um passado feliz !... feliz... mas tão morto, que jámais poderia resuscitar ! tão morto, como a hera que passou ! como a flor que cahiu ! e como a planta que secou-se !

Finda esta commoção, Fclippe prosseguiu assim :

« Estava nos meus 31 annos ! na idade das paixões, dos amores e dos prazeres ! e entretanto eu não havia ainda amado ! Todos os prazeres, todos os encantos a que pôde attingir um moço rico, eu os tinha gozado, alguns na India, e todos em Lisboa ! Em qualquer parte em que os prazeres vislumbravão a meus olhos, voava eu apôs delles, com o mesmo ardor com que o abutre vôa apôs dc sua presa ! Eu es comprava, e os comprava até a peso do meu ouro ! gozados uns, voava atrás de outros ! Os desejos des novos trazião bem depressa o cnojo des velhos ! e não obstante a saciedade, fugia adiantê de mim como as sombras diante da luz ! No meio dos prazeres meu coração palpitava cubiçoso de prazeres ; no mcio dos gozos minha alma fluctuava ardente de gozos ! Arremessado de prazer em prazer, impellido de encanto em encanto, arrebatado dc conquista em conquista, apenas vencedor logo fugitivo, e pouco depois esquecido ; sempre cubiçando o nunca saciado, passoi os primeiros annos

de uma mocidade audaz, impetuosa, e até libertina. Duvidoso, sem um destino fixo, sem um norte certo, sem uma esperança positiva, porque eu não amava, percorria, sem piloto, minha alma desassissada e incerta os mares borrascos de uma mocidade louca e turbulenta! Tudo pois era para mim vago como os meus pensamentos! indefinivel como minhas paixões! e incerto como meus passos! E tudo isto porque meus olhos não tinhão já mais reflectido a suave luz de amor sobre outros olhos amorosos! Minhas palavras de ternura não tinhão ecoado em uma alma virginal, nem se harmonisado com outras palavras tambem enterneidas! Meu rosto apaixonado ternamente não tinha nem uma unica vez enrubecido diante de outro rosto tambem corado por uma paixão suave! Meu coração enamorado já mais havia escutado as opprimidas palpitações de outro coração tambem enamorado! E tudo isto porque minha alma, nos dias de sua primitiva innocencia, não teve um suspiro que se fosse encontrar com outro suspiro de uma alma ainda mais innocent que a minha!

« Eu carecia de uns olhos que lessem sobre meus olhos; de palavras que achassem éco nas minhas palavras; de um rosto que corasse com o meu rosto; de um coração que se harmonisasse com as palpitações de meu coração, e de uma alma que fosse constantemente o guia de minha alma! Eu carecia.... e não comprehendi esta necessidade! Nescio que eu era! acreditei que o ouro podia comprar o amor! Insensato! que acreditei que um coração de mulher só vendia! Vaidado do mundo! Acreditei que comtudo se mercadejava! Soberba das riquezas! Acreditei que o dinheiro podia a tudo comprar!... Compra-se uma mulher, mas não se compra seu coração! Possue-se uma mulher, mas não se possue seu amor! Gozão-se os serviços de uma mulher, mas não se goza sua affeção!... E com efeito, desfrutamos esses serviços, como desfrutamos os serviços de uma escrava; mas esse coração aliás fica, tão livre para odiar-nos, como o coração da escrava, tão livre para ahorrecer-nos!

« Se eu tivesse amado, e sido amado, no gozo de uma fortuna brillante, ou ainda modesta, feii em meu amor, ditoso em minha fortuna, trauquillo á pacifica sombra de meus lares, veria docemente se deslisarem risonhos os meus socogados dias no donrado regaço da celeste paz e no candido seio de uma auiorosa familia!... Mas o destino não quiz! A minha educação.... Respeitemos as cinzas dos meus.

« Macão não tinha já os encantos pelos quais men-

coração palpitava sedento! Lisboa offerecia ás minhas desordens, á minha mocidade infrene, um theatro mais vasto, e talvez que um campo sem limites! Não hesitei; embarquei-me pois para a Europa. O navio que me conduzia conduzia tambem meus tesouros.

« Desde Macão até á altura da ilha de Madagascar, é impossivel que minha viagem fosse melhor. Ao passo que eu via fugirem pela pôpa do navio as terras da Asia, sentia meu coração inchar-se, já de antemão saboreando os gozos futuros dos prazeres de meu paiz natal. Embriagado de minha felicidade, eu acreditava que a fortuna estava jungida ao carro de meus caprichos, tendo tornado a peito o artefacto de minha ventura! Eu acreditava que sobre a minha cabeça brilhava um sol, que em seu curso diurno devia sempre conduzir para mim dias de ouro, de encantos e de amores! que as estrelas deverião luzir com tremula luz sobre meus amores secretos; e que a lua, obediente a meus desejos, devia discreta occultar sua face de prata, quando timidos amores fugitivos aos raios de importuno sol, tranquillos e gratos me sorrissem á pacata sombra da verde ramagem de voluptuoso jardim!!! Oh! quanto é bela a mocidade, quando o brilhantismo do ouro esmalta seus dias de amor, de rises e flôres! Moço, rico, e bello!... bello.... e que importa o ser bello? Ser moço e rico é bello, é magnifico! Que bello ideal tão brillante de encantos!... mas.... mentiroso.... mentiroso.... e sempre mentiroso!...

« Miserol! que engolphado em um futuro que nunguem me havia assegurado, perdido em vergonhosos prazeres, esquecia-me que arfava embaixo de meus pés um medonho elemento, mentiroso como meus amores; falsario como meu futuro; o perfido como as minhas riquezas! Ah! mais mentiroso ainda, mais falsario e mais perfido! »

« O nosso navio chegou enfim ao Cabo da Boa Esperança, cabo das tormentas, cabo das minhas desgraças! »

« Orgava pelo meio dia; o céo estava sereno; o mar enrugava-se apenas ao brando sopro de amorteida aragem, que mal infunava nossas velas, e levava suavemente o nosso navio. O tempo nos promettia uma feliz passagem pelo Cabo-Tormentorio. Pouco depois o navio arfava no mesmo lugar em calinaria podre, e as velas penduradas das vergas bambas batião nos mastros. O mar se ennegceu, e de tão negro que ficou tornou-se medonho. Duas horas depois caiu-nos pela prôa um

vento rijo ; ferrárao-se algumas velas, e começámos a resistir-lhe. Não muito depois o vento era tão impetuoso, que já não era possivel nem ferrar as outras velas, nem lutar cem elle ; foi preciso pois dar-lhe a pôpa ; intentou-se essa manobra ; mas no momento em que o navio voltava, tamanha foi a refrega, que o colheu de improviso, que o sossobrou incontinente ! Alguns dos naufragos agarrárao-se ao casco do navio, enquanto o puderão fazer, e outros a varios destroços que no mar começavão de boiar. Também creio que poucos escapárao. Durante a noite a tormenta escampou-se, e tudo se tornou sereno e tranquillo. O seguinte dia amanheceu bello, e achou-me sobre as ondas lutando contra a morte, sobre uma taboa do mesmo navio, ou talvez de outro, quem sabe ? .... Mas não longe de mim, com suas velas em cheio, e alvejando aos primeiros raios da manhã, desenhava-se no horizonte um navio em endireitura ao ponto onde eu lutava com a morte ; elle approximou-se, viu-me, e fui salvo. A pouca distancia forão da mesma sorte salvos mais tres companheiros meus, isto é, pessoas do mesmo navio naufragado. Quando me vi sobre este navio, e são e salvo, foi que fui senhor de minhas idéas. O horror de minha actual posição negrejou diante de miinha alma com toda a hediondeza do inferno ! Em um momento o mar havia engolido os mais brilhantes fructos dos trabalhos de mais de meio seculo ! e com elles a minha felicidade, o meu futuro, e mais tarde conheci quo tambem às minhas esperanças ! E' bem facil de comprehender todo o excesso de miinha dôr, vendo-me só com a roupa do corpo sobre um navio desconhecido, comendo o pão da caridade.... eu, que ha pouco tempo havia sido senhor de uma fortuna gigantesca ! Confesso, não quiz mais viver ! Assentando comigo qué a vida era por demais pesada, tencionei matar-me : mas para não causar á gente do navio, que tão bem me havia recebido, e tão cuidadosa se mostrava comigo, o menor incommodo, reservei para a noite a execução do meu plano : era pois este : —ir á prôa, descer pelo cabresto, cahir no mar, sem bulha, e debaixo dessas ondas tão frias ficar eternamente sepultado : —estava pois tomada a minha resolução ; á noite devia ser executada.

« Ha uma idéa de consolação, que sabe de adrede esmaltar na noite dos desesperados todos os horrores do tumulo ; e esta idéa cifra-se nisto: deixa-se de viver, deixa-se de sofrer, porque o tumulo engole de um jacto a vida, as lembranças e as dores ! E' mentira ! o homem não foi feito para sofrer,

porque os sofrimentos jámais se casão com o coração humano : o homem foi feito para a felicidade, e a felicidade é gozar, porque é com os gozos que nossa alma se deleita ! A immortalidade não é senão um renome ! a bemaventurança uma grande somma de gozos desfrutados sobre a terra ! O inferno não é mais que uma grande somma de sofrimentos na terra padecidos ! Deus.... ou tal não existe, ou impassível vê, sem commoção, o curso de suas obras ! Assim, quando se não pôde attingir á bemaventurança dos gozos, evita-se o inferno dos sofrimontos ! O sacrificio é pequeno ; basta apenas uma vontade altiva e uma resolução sublime ; a dôr é passageira, a desordem instantânea, e o socorro eterno ! Eis o como eu pensava ; e assim pensando, esperava a noite, como o amante, que, tendo nella uma entrevista emprazada, a espera ancioso.

« Pela volta das 10 horas deslisava-se no horizonte uma vela, e pouco depois se conheceu que demandava o nosso rumo a todo o panno : a diligencia que esta embarcação punha em alcançarnos fez-nos desconfiar que era algum navio avariado pela tempestade, que vinha socorrer-se do nossa embarcação : approximou-se pois, e com bem susto nosso conhecemos que era um navio turco ou mouro, como os xavecos que infestão os mares do Mediterraneo. Já se lhe não podia fugir ; o combate era indispensavel. Armámo-nos todos, e tomámos os logares em que devíamos pelejar. O navio em que eu me achava era hespanhol ; logo que o xaveco esteve a meia distancia de um tiro de peça, a bandeira hespanhola foi firmada com um tiro. Não obstante a valentia dos Hespanhóes, o susto e o desanimo estavão pintados em seus rostos ; e por isso eu pude sem dificuldade ler nestes rostos o triumpho do Crescente. E que me importava ? No meio deste terror geral só eu me ria, só eu me alegrava ; porque meu coração estava tranquillo, porque meu espirito estava contente ! Eu ia morrer, e morrer no meio da raiva, do furor, ao estrondo do canhão, ao sibilo das balas, era uma morte para mim mais bella que a morte no fundo das aguas !

« Apenas em nosso navio foi a bandeira hespanhola firmada, o xaveco, ao som de alguns tiros de canhão, euiu-nos algumas balas : a resposta também não foi pelos Mouros muito esperada. Travou-se o combate : e o atrevido inimigo, desprezando a nossa artilharia, intentou a abordagem : esta foi efectuada ; mas a nossa mosquetaria, e alguns tiros de mitralha, fizerão com que ella custasse ao insiel mais do que elle o pensava !

« Dada a abordagem, e tondo os Mouros saltado para o nosso navio, começámos um sanguinolento combate de morte. Os Hespanhóes, uma vez começada a batalha, não desmentirão daquella antiga bravura tão conhecida de toda a Europa; mas o numero dos infieis era tão superior ao nosso, que um christão tinha de haver-se com tres dos inimigos. A victoria, bem que caralhes custasse, declarou-se pelos inimigos; mas esta victoria só esteve segura depois que em o navio hespanhol não havia mais que cadáveres e moribundos.

« Sobre o ensanguentado convés, encostado a uma amurada, rodeado de mortos e feridos, opprimido por um sem numero de inimigos que me atacavão furiosos, e me intimavão que me rendesse, esgotando-me em sangue das muitas feridas que crivavão meu corpo, eu já não via um só christão combater, e eu combatia ainda, ainda me defendia com um tenue esforço, que sentia gradualmente falecer-me.... E queria entretanto morrer! e então para que me defendia? Ha sempre na gloria os seus encantos! Os phantasmas da imaginação humana adquirem a veneração e a magestade dos seculos que atravessão; e, sanctificados de geração em geração, chegão afinal a obter um culto que os divinisa completamente! Tal é a gloria, cujo poder parece adoçar os amargores da morte, embellezar a hora do passamento, estellar a noite do sepulcro, e enamorar o moribundo que agonisa!

« Emfim, pensei que ia morrer.... o esforço morre em meu corpo, e a luz em meus olhos! mas meus dias não estavão ainda completos, e como o não estavão, volvi á vida: achei-me então deitado em uma tosca cama; mas minhas feridas estavão pensadas, e com dôr soube que nenhuma dellas era mortal. A desesperação faz talvez mais heróes que o mesmo valor. Entretanto, ferido em uma cama, quasi esvaido de sangue, ainda os infieis temião o que elles chamavão minha valentia; e por isso tinlia eu uma porna presa em uma grossa corrente, cuja extremidade se ia prender em um arganel pregado ao navio. Havia ali uns vinte e tantos captivos, todos em forros; mas o que mais me fez pasmar, é quo entro elles existião alguns, poucos é verdade, dos meus companheiros, que comigo tinhão naufragado! Dos quo pelejáro, na embarcação hespanhola, só cinco tinhão escapado, ou e mais quatro, tão feridos ou mais do quo ou: um destos morreu pouco depois.

« Ao cabo de quiudei se estava quasi restabelecido, o quasi são do minhas feridas, mas achava-mo

um tanto fraco. Que faltava para coroar a minha desgraça? havia perdido tudo quanto possuia, e acabava agora de perder a liberdade!

« A maneira por que eramos tratados neste navio e neste estado, era uma ridicula mistura de compaixão, e de barbaridade! curavão de nosso corpo, e abandonavão o nosso espirito! Davão-nos uma comida grosseira, e eramos obrigados a comer, ainda á força de um azorrague: era preciso que engordassemos a todo o custo, para mais dinheiro valermos em qualquer mercado da Asia ou da Africa! E todavia o meu cinto atado ao meu pescoço podia abreviar os meus dias sem obstaculo algum; e não obstante, nem pela imaginação me passava o desejo de morrer! estava até resignado, e queria viver!

« Vendo-me pobre, detestei a vida; vendo-me escravo, quiz conserva-la! Ridiculos ou assombrosos mysterios do coração humano! Coração humano.... chás de contradições! abysmo de desordens! louco é quem te deseja aprofundar!

« Com efeito, a nossa desgraça não podia ser maior, e assim mesmos nós pareciamos satisfeitos! Comiamos, riamos-nos, folgavamos, contavamos historias uns aos outros, e não nos incomodavamos com o nosso futuro, e nem com o senhor que deveríamos ter!

« O nosso carcereiro era um perro de um Mouro, ou o que na verdade fosse, já velho, e intratável, mesmo como um Mouro desconfiado: daquella boca não se ouvia nem meia palavra.

« Neste estado estavamos, havia quasi um mez, quando em uma manhã ouvimos um grande motim no xaveco: o estrondo, os gritos e a vozeria erão por demais. No meio desta algazarra medonha ouvimos bradar a postos: uma hora depois, pouco mais ou menos, a gritaria augmentou; dahi a pouco rompeu o fogo do xaveco, que foi imediatamente respondido com empenho: o xaveco pois acomuňetta a alguma embarcação.

« Comegámos a prestar toda a attenção ao combate. A artilharia não trabalhou por muito tempo: ouvimos algumas descargas de mosquetaria; depois tiros ospaçados, o grande estrondo de armas brancas: tinhão os infieis dado a abordagem, e com a sua costumada ousadia, ousadia estribada no seu grande numero. Estava entre nós um velho Portuguez, o qual tinha passado no mar quasi toda a sua vida. O longo costume lhe havia dado uma experioncia das cousas do mar, que o tornava o mais experimentado, o mais grave, e o mais sabio mari-

uheiro. A mór parte dos portos d'Asia, toda a costa d'Africa desde o Cabo da Boa Esperança até Gibral-  
tar, grande parte do Mediterraneo e suas navega-  
ções lhe erão perfeitamente conhecidas, porque  
quasi que os dentes lhe havião nascido sobre estes  
mares, tondo envelhecido em quó todos estes por-  
tos. Este bom velho, tendo dado toda attenção aos  
diversos movimentos do combate, disse com certo  
arde satisfação : — São Portuguezes que combatem !  
são Portuguezcs ! — Alguns lhe perguntáron : —  
Porque o sabeis ? — Mas o velho, sem fazer caso  
da pergunta, continuava a exclamar, sempre n'um  
modo prazenteiro : — São Portuguezes ! são Portu-  
guezes ! ! ! — Não tardou muito que não rompessem  
os arcs gritos alegres lançados pelos infieis, feste-  
jando uma victoria que elles não podião contar se-  
gura enquanto na embarcação portugueza hou-  
vesse um só homcm que pudesse manejá a espadá ! Não obstante estes gritos de alegria e de victoria,  
ainda durava o combate, e se ouvia já distin-  
tamente as vozes dos Mahometanos e dos Portuguezes,  
porque os combatentes erão menos, e menor  
o estrondo da peleja. Entre as diversas vozes que  
soltavão os encarniçados combatentes, animando-se  
mutuamente, distinguiu-se uma voz forte, segura  
e vibrante, por estas palavras, que perfeitamente ouvimos : — Christãos, eis a imagem do vosso  
Deus ! ! ! ... Jesus Christo vos vê combater ! ....

« Aquelle que assim gritava não tinha bem fir-  
mado a ultima syllaba da palavra — combater —  
quando resdou por toda a parte esta vozeria im-  
mensa : — Aos infieis.... morrão os infieis ! ... Vic-  
toria ás Quinas ! ...

« O estrondo do novo acommettimento foi tam-  
anho, que nós sentimos como que o xaveco gemer,  
e mrgulhar ao peso da carga dos atacantes, que  
nello saltavão, e dos atacados, que para elle fugião !  
Enthusiasmado por estes gritos de victoria, agitá-  
mos nossos ferros, procurámos quebra-los, mas de-  
baldo ! e não podendo, bramimos de raiva, e gri-  
támos tambem, uns : — Victoria ! victoria aos chris-  
tãos ! ! ! ... outros : — Vivão as Quinas ! ! ! — outros :  
— Por Jesus-Christo ! Victoria ás Quinas ! Trium-  
pho aos christãos ! ! ! ... »

Neste logar Philippe interrompeu a sua historia,  
e duas grossas lagrimas escoáron-se de seus olhos ;  
lagrimas que procurou enxugar, e que continuavão a correr, porque parce que elle gostava  
do as chorar.

Pedro, reparando na sinceridade desta com-  
moção, disse :

— Porque chora, Sr. Philippe ?  
— Ainda sinto prazer ao lembrar-me disto....  
Choro pois de prazer.....  
— Mas Vm. nesse tempo ainda acreditava em  
Deus e na sua providencia ?  
— Não sei... O que sei é que a alegria, o enthu-  
siasmo que estes gritos me communicáron forão  
tão grandes, que quasi enlouqueci....  
— Pela esperança da liberdade talvez ?  
— Não. Nesse momento eu lhe affirmo que mo-  
não lembra senão de que era christão. Conti-  
nuemos.

Filippe retomou o fio de sua historia, e com o  
mesmo ardor com que a tinha contado até aqui,  
continuou assim :

« Alguns instantes depois destes gritos o es-  
trondo do combate diminuiu. Com espanto nosso  
ouvimos abrir-se mansamente a porta de nossa  
prisão ; um infiel, com a cara coberta, entra ar-  
mado de um martello, e com poucas pancadas so-  
bre a corrente do velho Portuguez a fez em peda-  
ços, e pô-lo em liberdade ! e sem proferir nem  
meia palavra quer sahir : todos ao mesmo tempo  
lhe pedem a mesma graça ; mas o infiel, desem-  
baraçado de todos, brada com uma voz terrivel :  
— Morrei.... que nada vos devo ! .... — E vol-  
tando-se para o velho marinheiro, accrescentou :  
— Fugi.... — O velho, segurando-o pelo braço,  
gritou : — E os meus companheiros.... os meus ir-  
mãos ? .... — O agareno, com voz ainda mais ter-  
rivel, respondeu-lhe : — Fomos vencidos pelos  
teus.... mas o nosso paoil ainda tem polvora....  
este navio vai voar aos ares com tudo quanto tem,  
e tambem comigo .... Queres salvar-te, salva-  
te.... se não queres, a explosão pouco pôde tar-  
dar. — Mal acabou de assim fallar, desapareceu.  
O velho sahiu precipitadamente atrás delle.

« Abandonados a uma morte certa, ou entre o in-  
cendio que ia devorar o navio, ou despacados nelle,  
se se despedaçasse, ou afogados no fundo do mar,  
presos cada um a uma corrente, nós julgavamos este  
destino por demais duro, e inteiramente insup-  
portavel. Então, longe de resignarmo-nos a uma  
tão cruel sorte, começámos a gritar e a bramir  
horrivelmente, procurando romper nossas cadêas !  
Ora, que os outros que parecião amar a vida assim  
o fizessem, era muito justo ; mas eu, eu que não a  
podia supportar ! ... eu que ha poucos dias antes  
me queria suicidar, porque me horrorisava o mor-  
rer queimado ou despedaçado, ou afogado nos abyssos  
do mar ? ! Que diferença ha em morrer desta

ou daquella maneira? Não é tudo morrer? Não é tudo a derradeira e maior desordem da vida, desordem, cuja unica consequencia é deixar de ser para não ser?!

« E' que a morte costuma a prestar mais ou menos laivos de pavor ás suas infinitas modificações! modificações, que bem que infinitas no seu modo de variar, todavia não apresentão uma só que não seja natural, e cuja medonha peripecia não seja deixar de ser para não ser! Quanto ás dores, quem sabe se elles não serão antes um effeito da imaginação timida e acovardada!

« No meio desta algazarra inqualificavel, produzida pelos nossos gritos e pelos estrondos de nossos ferros, alguns dos vencedores entráron o nosso carcere.... Ao entrarem, um grito simultaneo e unanime partiu das boccas de todos os captivos:—Salvai-nos... salvai-nos!....—Com effeito, nossas cadêas forão quebradas, e nós postos em liberdade!

« Livres, corremos por diversos lados, para sahirmos deste navio que ia voar aos ares, e cuja explosão já se fazia esperar, e para tentarmos salvar o navio christão que se achava junto do infiel, e cuja explosão deveria tambem arruina-lo: passando porém por juntode uma escotilha, e lançando ao paiol da polvora horrorisados olhos, eis o que vimos: o marinheiro velho, nosso camarada, a quem o Mouro de cara coberta havia quebrado a corrente, estava estendido sobre a coberta do xaveco, de barriga para cima o arquejando: um Mouro possanto o agigantado, com um enorme joelho opprimia-lhe o peito, sobre o qual erguia um punhal, quo sustentava em sua mão direita; com a esquerda apertava um morrão aceso, com o brago estendido para o paiol da polvora, já aberto! O marinheiro volho, estenuado e quasi oxhaurido de forças, ainda com sua mão esquerda sustentava polo pulso o braço direito do infiel, e sustinha assim o golpe quo lho amoagava o coração! e com a mão direita apertava o morrão, e o desviaava do paiol; mas essa mão, ainda um tanto robusta, devia em breves instantes abandonar o morrão, porque o volho o sogurava tão junto da chaminha, quo esta já quasi lho queimava a mão! uma vez queimada ou chainmuscada esta, largado o morrão por este motivo, ello soria arromessado ao paiol da polvora; a explosão seria prompta, o a desgraça completa! A perda pois de todos ostava por momentos!

« Saltámos ao logar tremendo; o morrão foi apagado, o infiel prisioneiro; o paiol fechado, e o velho salvo.

« Nisto alguns infieis dirigião-se rapidamente para o paiol; encontrados por nós outros, forão desarmados e feitos prisioneiros. O velho marinheiro, a quem todos devíamos a vida, vinha um pouco mais atrás, encostado a dous christãos; e quando chegou a nós já os infieis erão nossos prisioneiros. O velho, encarando então aquelle que lhe havia quebrado os ferros, e cuja cara já estava descoberta, transportado de admiração exclamou:—Renato!—O infiel, cuja terrivel voz já tinhamos ouvido, sem encara-lo, respondeu com orgulhoso desprezo:—Não me chamo Renato...o meu nome é Ismael.—O velho, recuando horrorizado, bradou:—E que fizeste das santas doutrinas que com tanto amor te ensináram?—O musulmano respondeu rudemente:—Esqueci-as... abandonei-as para todo o sempre!—O velho, lutando em um accesso de piedade e de colera, gritou com mais força ainda:—Desgraçado! desgraçado!...—Dizendo isto, sufocou-se em pranto, e não pôde dizer mais: as forças o abandonáram, e cahiu nos braços dos companheiros, que o leváram para o navio portuguez. Eu fui um dos ultimos que para elle passei. Chegando ao navio portuguez, soube de um tumulto occasionado entre os marinheiros, alguns deste navio, e o tal Renato, por causa de certos insultos que este dissera contra os christãos, ou contra a religião christã: não sei porém em que ficou isto; porque, tendo chegado á nossa falla um navio portuguez, o capitão declarou que ia para Lisboa, com escala pelo Rio de Janeiro, o offereceu-se para deixar neste porto os resgatados que ali quizessem ficar: eu fui um destes, e sem mais demora passei-me para esse navio, que me trouxe para o Brasil, onde cheguei em 1707, e ondo vivi sempre pobre, até que me casei com aquella senhora em 1718. »

— Então é casado ha vinte annos? perguntou Pedro.

— Sem a menor duvida, respondeu Filipe.  
— E só teve aquella senhora?  
— Falla a respeito do meus filhos, não?  
— Sim, senhor.  
— Nada, tive mais: os outros morrerão. Aquella foi a segunda, e está com os seus quinze annos.  
— E sobre o velho marinheiro e o mouro Ismael nada mais soubo até agora?

— Nada. No convés do navio portuguez vitorioso vi um padro jesuita morto; era um padro de quem eu ouvira muito fallar no Oriente. Então soubo quo a esso jesuita se devia a victoria; o como, não o sei eu.

- Então morreu no combate?
- Tambem não sei. O que vi foi um corpo ensanguentado nos braços do Mouro Ismael e do marinheiro velho....
- Então já erão conhecidos velhos?
- Talvez: elles choravão.
- O Mouro e o marinheiro velho?
- É verdade.
- Pelas palavras do Mouro e do marinheiro velho parece que o tal Ismael havia sido christão.
- Sem duvida, e com o nome de Renato.
- Ora.... Nunca de Mouro bom christão.
- Assim se diz em nossa terra.
- É verdade....
- Ora, se é.... A sua historia é bem cheia de episodios interessantes... Com efeito!
- F' bem cheia de graças!
- E no Brasil não teve alguma aventura interessante?
- Oh! isso são contos largos! Fui testemunha de nossa vergonha, ou antes affronta que nos fizera o celebre Duguay Trouin, e do infame e covarde procedimento de Francisco de Moraes. Não sabe as miudezas dessa historia?
- Não, senhor; não sei.
- Pois lhe contarei em outra occasião.
- Creio que Vm. estudou alguma cousa?
- Sim; pouca cousa, em Lisboa.
- Depois desta resposta Philippe ficou calado por alguns instantes, e como meditando; depois prosseguiu assim:
- Ora, á vista da fiel narração dos meus acontecimentos, e a qual fielmente acabo de fazer-lhe, pergunto onde está Deus ou a sua providencia. Pois bem; haja muito embora um Dens; haja, visto que querem os sabios que haja um principio creador: mas esse principio, essa causa primitiva, mettida em si mesma, deixa funcionar a machina do universo, sujeita ás leis immutaveis que uma vez lhe traçára: tudo pois no universo nasce, vive, morre, e se succede em consequencia de leis invariaveis, sem que Deus ou sua providencia tomo a menor parte em cousa alguma; e Deus, immutavel e impassivel, vê indiferente, em sua immutavel impassibilidade, passarem os astros, succederem-se os entes, e aparecerem n'este espaço infinito novos corpos celestes. Deus nem se irrita contra o vicio, nem se commove pela virtude; porque a virtude tem em si mesma o seu galardão, como o vicio o seu castigo. Além de que, o vicio e a virtude nada mais são quo modificações dos

homens, segundo os usos e costumes das nações da terra. Ha necessidade de um Deus vingador, que remunere as virtudes com subidos premios, e puna os vicios com horrorosas penas; a sociedade para a sua epopéa de oppressões, injustiças o repressões precisa desta machina de temores e esperanças.... Eis a verdade, e tudo o mais é peta.

Estes e outros pensamentos foi desfiando o ancião diante de Pedro, que o ouvia sorrindo-se, e dizendo uma vez por outra em tom alegre:

— E' um verdadeiro espirito forte!

Justino, immovel e mudo, tinha ouvido estes pensamentos de Philippe de uma maneira quasi indefinivel; mas attendendo-se bem sobre seu rosto, dir-se-hia antes que suas idéas estavão em absoluta oposição ás idéas de Philippe, que sem o menor respeito ás leis da hospitalidade assim fallava diante de pessoas que pela primeira vez via. Quanto á sua mulher o sua filha, essas ja estavão acostumadas com essa linguagem insolente, por muito desesperada.

O narrador não pôde nem devo assegurar se estes pensamentos de Philippe erão filhos de uma crença intima, muito arraigada em sua alma, ou de uma desesperação produzida por suas desgraças. Como fosse, os leitores comprehendem perfeitamente bem que os impios pensamentos deste homem erão diametralmente oppostos, não só á sua historia, em diversos pontos della, mas tambem a não poucas de suas acções. Quando Philippe conta va a sua historia, nós nos lembraremos do seu entusiasmo, ouvindo os gritos de victoria ao christianismo! Philippe, narrando isto, teve uma lagrima, com que depois de tantos annos ainda sanctificou-o esse entusiasmo de outro tempo, entusiasmo que só podia sentir uma alma christã, embora não muito piedosa. Pedro perguntou-lhe porque chorava, e elle respondeu que ainda sentia prazer ao lembrar-se deste acontecimento e desses gritos de victoria, e que chorava pois de prazer. O mancebo, notando talvez esta flagrante contradicção, insistiu ainda perguntando-lhe se naquelle tempo elle ainda acreditava em Deus, ou se já descrevia de sua providencia. O homem da desesperação respondeu que não sabia; mas que o que sabia era que a alegria e o entusiasmo que estes gritos lhe comunicarão forão tão grandes, que quasi enlouqueceu. Pedro lhe replicou então perguntando-lhe se p'la esperança da liberdade.... mas Philippe, atalhando-o, respondeu que lhe jurava que não; que naquelle momento si se lembrára

que era christão ! Estas palavras, estes procedimento, assentão mal em um deista, e peior em um ateu !

Uma cabeça escaldada, como gosta de querer tudo comprehendêr e explicar, revolta-se contra a revelação que não comprehende, e contra a fé que não pôde explicar ; e cahindo em um desespero, nega a revelação, e ostenta-se sem fé : mas a alma, que em todos os tempos e circumstâncias reclama e procura attingir á sua origem divina, lá fica lutando com a cabeça, e anibas enchendo o coração de um suppicio terrível, isto é, a duvida ! E' preciso porém declarar que esta alegria, este entusiasmo de Philippe e seus companheiros, ao estrondo dos gritos de victoria, são explicados pelos espíritos fortes por prejuizos de educação ; é tambem assim que elles explicão certos terrores íntimos, e outras muitas cousas que o espirito humano não pôde comprehendêr, e muito menos explicar : mas, digamo-lo tambem, as palavras—prejuizos de educação—explicão tanto certos phenomenos do coração humano, como na psychologia a palavra—sympathia—explica essa affinidade incomprehensivel de duas almas, e como em chimica a palavra—affinidade—explica a sympathia desconhecida de dous corpos !

Quando perguntamos a um destes espíritos fortes como é que elle comprehende para todo o criado um sim commun, convém saber o nada ; respondê-nos que esse nada nos horrorisa, porque o homem é como as crianças, que temem as trevas ; mas nós podíamos tainbem dizer que as trevas são como a solidão que conduz o homem á meditação, e a meditação aos infinitos espaços da verdade, isto é, a Deus e á immortalidade da alma !

O leitor terá comprehendido que a mais forte mania do velho Philippe era a de contar a sua historia, trazendo-a sempre desde a historia do Japão. Elle tinha contado tantas vezes esta historia, quo sua mulher quasi que a sabia toda de cor ; quanto á sua filha, a sabia perfeitamente. Com a mesma facilidade com que Philippe a contou agora a Justino e a Pedro, contava-a a qualquer pessoa que lhe mostrasse uma ligeira vontade de ouvi-la ; porque o orgulhoso velho não se esquecia do fallar de suas riquezas e suas desgraças ; assim procurava aguçar a curiosidade de quem com elle ostivesse, até que lhe fosse pedida a narração de sua historia, que era contada com o mesmo exordio, exposição, provas e peroracão com quo o leitor o ouviu agora contar ! Entretanto convém dizer que Fi-

lippe não contava a sua historia pela mania, tão natural dos velhos, de fallar de cousas antigas, e contar acontecimentos do seu tempo ; mas o fazia para ter a vangloria de fallar de si, e a ridicula vaidade de trazer á pello as suas riquezas.

Este homem acreditava que assim como o vian-dante pára curioso diante das ruinas immersas de um antigo edificio destruido pela surda lima do tempo, ou pela destruidora mão do guerreiro, e ahi, com uma especie de culto, admira ainda as troncadas columnas, as despedaçadas cimalhas, os abatidos tectos, e finalmente esse montão de destroços que antes de o serem tantos cuidados e tantos dias custárao á arte, que com tanto custo e esmero alinhára esse magnifico edificio ; tambem ouvia de um estranho, com uma especie de respeito, a historia de seus desmanchos e desordens, contemplando, com certo culto, o homem que já fôra rico ! E elle se enganava ! Ha na verdade uma religião tão intima como o nosso amor, e tão pura como nossas primeiras affeções ; é essa religião que nos impõe um culto a illustres memorias e a magestosas ruinas ! Mas essa religião, longe de estender-se aos homens decahidos do regaço da fortuna, não tem para elles nem a menor consideração ; salvo quando, desapparecendo as riquezas, ficão outros títulos dignos de nossos respeitos ! Assim paramos com certo respeito, e até culto, anto as euphaticas ruinas de um grande edificio ; e ahi, sobre uma sublime, mas terrível pagina, estudamos um profundo trecho da historia da humanidade ! Com o mesmo acatamento contemplamos o tumulo de um homem virtuoso, de um sabio, de um litterato, de um poeta e de um guerreiro ; e até com algum respeito olhamos para seus filhos, se elles todavia não tem senões que os afeem, e que deslustrem as memorias de seus antepassados ! Mas nem o menor caso faremos de um homem que fôra rico, se elle não tem outro título mais do que o ter sido rico ; e isto acontece ainda que suas desgraças tenhão tido causas assás justificaveis ; o convém que o digamos, o mundo é nisto bastantemente justo ! Se o culto que recebe o ouro sobre a terra fosse equivalente ao culto que recebe a virtude, o saber, o talento e o heroismo, bom pouco solidão seria a gloria destas brilhantes qualidades, visto que um usurario, o filho de um ladrão, ou este mesmo, teria tanto direito a uma veneranda immortalidade, tão immoraltamente ganha, como um homem modesto a uma immortalidade conquistada pelos mais nobres e decentes meios, e a

mór parte das vezes consumindo seus mais bellós dias em improbos ostudos e detestavois vigilias, fazendo assim mais jus a uma velhice prematura, e a uma morte antecipada.

Teem, é verdade, alguns individuos se immortalizado por meio do seu ouro; mas, notemos bem, o ouro tem sido o meio e não a causa; porque a causa é sempre uma virtude, uma bondade d'alma, que faz com que esses individuos distribuão parte de seu ouro em favor da humanidade soffredora.

Todavia nós podemos ser misericordiosos com Philippe, podemos bem perdoar-lhe essa vaidade, porque é natural a um velho fallar muito de si, do que foi, do que possuiu, do que gozou, e das cousas do seu tempo; o que porém lhe não podemos perdoar é o seu atheismo ou deismo; e Philippe já tinha feito disto um tal costume, que sempre que contava a sua historia misturava-lhe essas blasphemias, e nunca a acabava senão pela mesma fórmula, negando a existencia de Deus ou a sua providencia.

O velho Philippe, ou por mera affeição a Justino e a Pedro, ou por algum calculo particular, tomou a peito o arranjo dos dous, e velava por elle como se fosse seu. A madeira para a obra foi imediatamente comprada, posta no logar, assim como os outros materiaes, e Philippe metteu logo mãos á obra. Os dous entretanto continuavão aboletados em sua casa. Quando a obra estava quasi concluida os dous vierão para o Rio de Janeiro comprar sortimento. Ahi aboletáro-se juntos em uma casa na rua da Ajuda, vizinha, paredes em meio a uma casa onde existia uma linda menina, que Pedro não pôde ver sem uma admiração, um culto e um amor! Justino, tendo notado isto, disse a Pedro:

— Creio que estás enamorado da vizinhazinha?....

— E' bella! respondeu Pedro.

— Então a qual preferes, esta ou a Narcisa?

— Não sei o que te diga.....

— Olha que o pai desta é rico..... segundo me parece.....

— Tu o conheces?

— Não; mas tenho ouvido dizer.

— Quem é elle?

— Agora não está na cidade.

— Mas como se chama?

— João Baptista..... se é verdade o que tenho ouvido....

— Será aquelle fazendeiro com quem fallaste?

— Exactamente.

— Diabo! Que casamento!

— Optimo.

— E ella nunca vai para a fazenda do pai?

— Consta-me que algumas vezes.

— Oh homem! vou ver se a namoro....

— Não.

— Porque?

— Eu t'o direi depois.

— Sem duvida a queres para ti?

— Não, que sou velho; mas peço-te que por ora respeites essa mènina.

— Por ora?

— Sim, por ora.

— Aqui ha mysterio....

— Talvez....

— E então eu não posso saber que mysterio é esse?

— E se nesse mysterio involver-se a honra do alguem?

— Ah! nesse caso.... eu não terei bastante discricão....

— Não; não te afflijas, que eu depois te direi o que ha.

Pedro calou-se.

Comprados os sortimentos, os dous socios regressarão para Campos-Novos, sortirão sua tasca, e começáro o seu negocio.

Justino pouco parava em casa; continuamente vinha para o Rio de Janeiro, onde se demorava 8, 15 a 20 dias; Pedro pelo seu lado queria estar mais em casa de Philippe que em sua casa: nestas circunstancias convierão os dous socios em metterem um caixeario. O negocio ia ás mil maravilhas! Pedro, fiel ás instruções de Philippe, vendia bem de dia, e comprava optimamente de noite. Era uma mina.... e como não? Comprar por um de noite e vender por dez de dia.... Irra! Que negocio poderia dar tanto? Era pois preciso arranjar um caixeario esperto, que não deixasse perigar a industria de comprar de noite e vender de dia. Philippe, que muito se interessava nos arranjos dos dous, procurou, e descobriu um pequeno indígena, talhado mesmo a geito para o que se queria. Em pouco tempo o rapaz ficou tão prompto e lesito nos mysterios da taberna, que não só podia Pedro depositar nelle a mais illimitada confiança, mas até por sua incomparavel habilidade podia dar miate a qualquer antigo taberneiro. O habilidoso indígena sabia perfeitamente misturar um sacco de pessima farinha de mandioca com outro de boa, e vender a mistura por mui boa farinha. Assim um sacco de milho podre, ou dc feijão, não

era perdido ; porque este feijão ou milho podre era misturado com o bom, e vendido pelo preço deste. Em um sacco de arroz já pilado misturava-se algumas libras de pedrinhas, que sempre acudião mais ao peso, não fallando em um pedacinho de chumbo graciosamente introduzido na concha da balança, que servia para os generos.... era uma pequena graça para favorecer mais o peso dos mesmos generos. Além disto uma dôse d'água salgada, prudentemente misturada em uma pipa de aguardente, dizia elle que tornava a aguardente mais salinhar e mais forte, sendo assim mais do gosto dos freguezes ! Ora, convem confessar que os taes nossos taberneiros são os mais habeis chimicos do mundo ! Imaginão misturas e as poem em practica, que jámais os homens da scienzia se poderião lembrar dellas ! e no entanto havia naquelle tempo um tal diabo de um juiz almotacel, que ás vezes arrebitava as ventas, e não só pregava nos gatunos uma boa multa , como mandava abrir as torneiras

das pipas, e despejar á rua os liquidos falsificados ; não se esquecendo tambem de mandar sem remisão nem agravo lançar ao mar a carne damnificada e outros generos ! Oh ! que horrivel tempo era esse ! Ninguem poderia vender café, se o houvesse, torrado misturado com milho sem algum receio do almotacel ; o padeiro não vendia o seu pão roubando o alheio , isto é, não o vendia ao tomado seu padar como naquelle tempo se dizia ; tambem o carniceiro não impingia a sua carne como queria etc., etc.: mas... louvado Deus ! hoje, que estamos no seculo das luzes, bebemos vinho bastante aguardentado, e comemos o pão que o padeiro nos quer vender, arruinando o nosso estomago, alterando nossa saude, e esfolando nossas algibeiras... *mas o povo tem bastante discernimento para comprar o bom e rejeitar o máo !* E não obstante, as más tabernas e pessimas padarias não se fechão ! Viva Deus ! magnifico é o seculo em que vivemos.



## CAPITULO VII.

### EU O EXIJO!

O caracter des moços depende sempre das primeiras doutrinas que lhe são implantadas no espírito ; e para que estas sejam consentâneas com a moral e a virtude, é de minuciosos na escolha do mentor que deve dirigir as suas primeiras idéias na infancia da vida.

Pedro, esse lindo moço que o narrador descreveu quasi no principio de sua historia, nascido com tão bom coração, mas perverso em consequencia de uma má educação e pessimas companhias, tinha soffrido ha pouco tempo um pequeno desar, quando esteve no Rio de Janeiro, vindo com Justino a comprar os generos p'ra sua casa. Foi uma trivialidade ; isto é, um seu velho amigo de Santa Catharina singiu não o conhecer. O moço tomou isto a peito ; e pensando seriamente em sua vida, entendeu que um tal procedimento era devido ao estado de pobreza em que se achava ; e então assentou lá de si para si em restaurar a sua fortuna. Ora, se Pedro fizesse esse proposito, tencionando também emendar sua desordenada vida, bom ; mas pelo contrario, assentou em ser rico, sem querer tornar-se homem de bem ! Agora podemos dizer que Pedro, sem ter adquirido uma só virtude, tem mais um vicio, o bem funesto, que é a ambição.

★

Sendo muito curta a distancia entre a casa de Filipe e a tasca dos dous socios, os leitores terão certamente adivinhado que Pedro lá estava sempre. Excepto os sabbados de noite, os domingos e dias-santos, dias em que os taberneiros apontão á banca feita pelos escravos, e lh'a levão sempre á gloria ; quasi que todo o mais tempo estava em casa de Filipe o bom do moço, adorando a sua adoravel filha, no que tinha muito bom gosto : mas nas pequenas conversas e gracejos havidos entre elle e Narcisa, não tinha ainda o nosso Pedro ganhado nem uma pollegada de terreno.

Uma tarde, era ao cahir do sol, Pedro entrou em casa de Filipe ; e não vendo a senhorita Narcisa, perguntou por ella a sua mãe : esta, talvez da parte dos interesses de seu marido, lhe respondeu que a menina estava na horta. Pedro lá foi ter.

Era a horta da senhorita um terreno quadrilongo, cercado de uma fragil cerca do folhas de pitei-

ras, e todo plantado. Este parallelogramo teria de comprimento oito ou dez braças, e de largura cinco a seis. Alguma hortaliça, como couves, repolhos, alfaces, salsas, coentros, cebolas, alhos, etc., e algumas flores, como cravos, rosas, cravinas, saudades, perpetuas, monsenhores, artemizias, alecrins, mangericões e outras, erão toda a plantação deste tosco jardim, sem alguma regularidade ou simetria. Cumpre não esquecer que ali não faltava um frondoso pé de arruda, cujos ramos costumão cheirar algumas senhoras nos seus flatos ou hystericos.

Pedro entrou a horta, e saudou a Narcisa : esta correspondeu, e ficou como meio vexada. Depois disse :

— Sr. Pedro, não repare na minha horta....

— Oh minha senhora !... respondeu o moço ; ainda nem para ella olhei.

— E porque ? pois não merece que olhe para ella ? !

— Ah ! não é por isso....

— E então porque é ?

— E' porque quando estou á sua vista não olho para mais nada.

Narcisa, ou não entendeu a fineza, ou, se a entenderam, não deu-se por achada.

— Ora, Sr. Pedro, disse Narcisa depois de uma breve pausa, queria lhe pedir um favor....

— Oh minha senhora !... quanto serei feliz se a puder servir....

— Tinha tanta vontade de aprender a ler....

— E porque não, minha senhora ?

— Só se vosmencê me quizer ensinar....

— Com muito prazer.... e nisto faz a senhora muito bem. Uma moça que não sabe ler é um diamante bruto ; mas a moça que o sabe é um bello diamante lapidado, que nos offusca com o seu incomparavel brillantismo !

— Então quando havemos principiar ?

— Quando quizor... Amanhã, ou hoje mesmo....

— Pois então amanhã.

Com efeito, logo no dia seguinte Pedro começou a ensinar Narcisa a ler.

Em um dos primeiros dias deste ensino, entrando Pedro em casa do Filippo, este tinha sahido, e Maria estava na horta. Narcisa tinha presa á trança do seu louro cabello uma bella rosa, que ha pouco havia desabrochado ; a flor estava verdadeiramente bella, e Narcisa incomparavelmente amavel. Pedro, vendo-a, disse-lho graciosamente :

— Ah ! Sra. Narcisa ! como Vm. é cruel !

— Eu ! disse a moça meio sobresaltada ; e por que ?

— Por maltratar assim a essa bella flor.

— Mas como ! em que é que a maltrato ?

— Pois não sabe em que ?

— Eu nada entendo....

— Pois não vê que a maltrata em a trazer no cabello ?

— Mas em que a maltrato assim ?

— Oh minha bella senhora !...

— Declaro que não o entendo....

— Ou não quer entender ; e máo é quando falamos com quem nos não quer entender.

— Affirmo-lhe que não entendo.

— Esta manhã era esta bella rosa a mais linda flor que no seu jardim havia desabrochado seu seio ; corada como suas faces, bela como seu rosto, e encantadora como seu todo ; não havia ali flor alguma que se lhe avantajasse ! A aurora, terna amiga das flores, depoz em seu lindo seio as lagrimas do amor ; e ella, agradecida, ungiu estas lagrimas com o seu voluptuoso perfume. Mais tarde o sol, enamorado de tantas gracas, deslizando de seu carro de ouro um apaixonado raio, veiu com elle em brandos requebros furtivamente beijar seu milistuo seio. O zephyro da manhã, gemendo e murmurando de amor por entre as folhas dos bosques, veiu junto dessa flor suspirar seus suspiros de amante. Os dourados insectos, susurrando em torno della suas leves azas, disputároa entre si qual teria a ventura de depor em seu casto seio um timido beijo de amor ! e a rosa, esse bello empenho da natureza, contava um inteiro dia de glorias e de triumphos ! contava ainda embalsamar a noite com o resto de seus perfumes.... e ella se enganava....

pobre flor ! Enganava-se, porque Narcisa, outra flor mais bella que todas as flores, mais formosa que todas as mulheres, ahí veiu, arrancon-a de sua rosoria, e despedaçou todos os seus encantos....

— Olhe, Sr. Pedro, o senhor disse muita cousa... mas ou quasi nada entendi ; e por isso só lhe pergunto se faz mal pôr esta flor no meu cabello ?

— Que ! senhora ! quem tem tantos dotes e belezas precisa ainda adornar-se de flores ? ! Se a senhora fosse uma mulher feia, sem gracas, sem encantos, bom era que rocorresse a esses adornos ; mas tão bella, para que assim maltratar as flores ? E que aconteceu a essa flor, que em seu jardim era a mais bella de todas as flores ? Em seu cabello está desbotada, languida o tristo ! desfinha-se e morre.... morro de inveja o do dôr ! de inveja da sua belleza ;

de dor por ver-se vencida pelos seus encantos ; porque uma rosa flor não pode brilhar ao pé de uma rosa humana !...

— Ora.... isso é lisonja....

— Como ? pois dizer uma verdade é lisonja ! Acaso a senhora não sabe que é formosa, e muito formosa, bella, e a mais bella de todas as mulheres !

— Como ainda não vi todas as mulheres....

— Ali ! mas eu tenho visto muitas.

— E então, sou eu mais bella que todas as outras ? perguntou Narcisa com certa altivez.

— Mais bella ! oh ! a comparação seria uma ofensa quo eu lhe faria ! Não ha nem pode haver em todo o mundo uma belleza como a da senhora !...

— Ah ! vom minha māi....

— Diabo ! murmurou Pedro. Vamos á lição....

— Sim, vamos.

Pedro, apezar de suas maldades, provenientes de sua educação, sentia ainda, com um fraco calor, arder em sua alma o resto da centelha do bem. Recebido com tanta boudade por Filipe, via em sua mente, como uma acção indigna, a seducção de sua encantadora filha ; mas esta filha, se era uma mulher para ver-se a primeira vez sem amor, não era para ver-se a segunda sem fortes palpitacões, e a terceira sem um culto ! e Pedro, encantado de tanta belleza, sentia-se, a seu pezar, arrastrado por essa magia invencível ! Não tendo já ante seus olhos os seductores e adoraveis encantos da bella menina da rua da Ajuda, Pedro pouco a pouco esqueceu-se della, e Narcisa era a bella imagem que ocupava quasi todo o seu coração ; quasi todo, diz o narrador, porque o pobre moço sentia-se tambem devorado por outra paixão bem diferente do amor, que era a ambição ! Seduzir Narcisa, e fazer della sua amante, parecia-lhe indigno ; casar-se com ella, parecia-lhe asneira, attenta a sua pobreza. Por fatalidade Narcisa tinha os mesmos sentimentos, era ambiciosa, e queria ser rica ! Notavel cousa ! estas duas pessoas, sem se terem ouvido, pensavão perfeitamente do mesmo modo ! Narcisa, mulher bastante bella, entendia que seus encantos lho davão direito a um marido rico ! Pedro, bastante bonito, entendia quo seus dotes, sua figura e seu espirito lhe davão direito a uma mulher rica ! e entretanto Pedro amava Narcisa, e Narcisa amava a Pedro, ambos muitos bonitos, ambos muito mal educados, ambos dotados de bom coração, ambos devendo ser máos em consequencia de sua pessima educação, ambos ambiciosos, e ambos amando-se ! Que monstruosidades ! Felizmente, como dous genios iguaes não

fazem liga.... com efeito o amor attrahia a estas duas naturezas viciadas ; a ambição as repellia : qualquer destas duas paixões são poderosas, mas de desiguas durações e desiguas poderes ; porque o que tem o amor de mais poderoso, tem de menos durador ; e o que tem a ambição de duradoura, tem de menos poderosa. Deste mais ou menos poder, e desta mais ou menos duração, longe de resultar um equilibrio que mantenha este affecto e esta paixão, resulta sempre o triumpho de uma á custa da outra, sendo quasi sempre vencedora a ambição ; porque amor e ambição na mesma alma ó um facto quasi impossivel, se o não é absolutamente !

No ponto em que se achão estas cousas, é quasi impossivel o conciliar-se esta paixão e este affecto ; porque Narcisa é pobrissima, o Pedro é pobre : ambos querem ser ricos, e para isso ambos poem a mira em um casamento ! Como fôr, é mister ou uma modificação nestas duas almas, o que seria um milagre, ou que o affecto esmague a paixão, ou a paixão ao affecto !

O leitor já sabe que Pedro está ensinando Narcisa a ler ; elle não só é o seu mestre de primeiras letras, como o director de sua moral ; e nesta posição o moço não perde uma só pollegada de terreno que possa conquistar.

Não obstante o que deixamos dito, Pedro tinha um formidavel inimigo com que lutar, inimigo que, ou devia demorar o seu triumpho, ou neutralisar as suas habeis seduções, e acabar por derrotá-lo completamente. Este inimigo era Maria ; não porque ella desconfiasse de Pedro ; pelo contrario a boa velha depositava nelle uma confiança quasi ilimitada, nutrindo sempre a melhor boa fé do mundo : mas a pobre māi perfcitamente conhecia o coração de sua filha e suas tendencias ; e, ou fosse por calculo, ou por simplicidade, lisongeava a dominante paixão desta filha ambiciosa. Assim ella dizia constantemente á sua filha que uma moça bonita que deseja achar um marido rico, ainda sendo pobre, devia levar a seu marido algum dote, e que o principal dosto dote era a sua honra. E pois se Narcisa por sentimentos de modestia, de pondunor e de brio, não estava muito disposta a ser a guarda desi mesma, esta maneira por que sua māi picava seu brio, era, por assim dizer, a guarda do sua castidade, castidade velada por sua ambição, e mais nada !

Narcisa, aprendendo a ler, desenvolveu uma habilidade espantosa, uma comprehensão extraordi-

naria, e uma aptidão invejável. Logo que começou a ler alguma cousa corrente, Pedro principiou a dar-lhe alguns folhetos do máo gosto, escriptos em ruim portuguez e de pessimo estylo. A vida de D. João de Castro, escripta por Jacintho Freire de Andrade, que ella tambem lia, a fallar a verdade só poderia ser collocada em o numero das obras classicas portuguezas em falta de melhores obras; pois que apezar do talento do seu autor, seu livro muito se resente do máo gosto de seu seculo. Com effeito, depois começou de ler melhores livros, como Camões, Ferroira, Sá de Miranda o Bernandes. Para exercita-la em letra de mão, Pedro traduzia alguns pedaços de Lucrecio *De rerum natura*, que a moça lia, e elle explicava! No fim de um anno Narcisa lia, escrevia e fazia as quatro operações fundamentaes de arithmetic : tinha já lido a vida de D. João de Castro, alguns poetas portuguezes, alguns pessimos folhetos, e sabia de cor alguns pedaços de Lucrecio, traduzidos de proposito, como por exemplo : que não havia, positivamente fallando, um Deus crador ; que o universo era obra da mesma natureza, resultado do concurso fortuito dos atomos ; que nossa alma nasce e morre com o nosso corpo, etc., etc.; e Pedro, até onde podia, tomava a peito a explicação minuciosa de todas estas consas. Assim Pedro, este mancebo corrompido, que, a dizer a verdade, não queria esposar Narcisa porque era pobre, aproveitava tudo para implantar em seu coração estes detestáveis sentimentos, e arrancar dello todo o temor da eternidado. Todavia a tarefa não era lá muito difícil : o imprudente Filippo a tinha começado, a Pedro tocava o resto... Mais tarde, Pedro comprehendeu quo estava om um estado estacionario, e quo por mais diligencias que fazia não adiantava inais nem uma meia pollegada ; então recorreu a outro alvitre : era o tentar a moça pelo lado do casamento, acreditando quo ella não desejava mais ; assim elle declarou-lhe quo a queria para sua mulher. Mas qual não foi o seu decaimento, ouvindo a repulsa desta proposição, quo esperava ver acoita, e com prazer ! A' vista desta nova derrota, Pedro, pela primeira vez com cara de pábulo, disse a Narcisa :

— Bom.... Andava enganado....  
— Então em quo ? perguntou a moça.  
— Eu supunha quo a senhora.... a...niava-me....  
— E é verdade...  
— Como verdade ?

— Sim, porque eu lhe amo....  
— E' impossivel !  
— Não, senhor, não é.  
— Amar-me !... e não ter para mim uma prova de amor !  
— E' porque não posso.  
— E nem ser minha mulher ?  
— E nem ser sua mulher.  
— E' um amor verdadeiramente incomprehensivel !  
— Qual ! Não, senhor, não é.  
— Oh ! amar é um delicioso affecto que enche o nosso coração de prazer, e a alma de esperanças; destas esperanças o amor se alimenta gostosamente ; isto é, as esperanças de possuir o objecto da affeição que enche o nosso coração de prazer e a alma de esperanças ; e uma vez possuido esse objecto...  
— Acaba-se o amor, atalhou Narcisa.  
— Não, o amor continua debaixo de outra forma ; porque então as esperanças transformão-se em suaves desejos. Antes de alcançado o objecto do nosso amor, nutriamo esperanças de alcançá-lo ; uma vez alcançado, desapparecem estas esperanças, e em seu logar tica o desejo de o termos feliz. ora, a felicidade do amor não é senão o gozo do objecto que se ama ; logo, se a felicidade do amor não é senão a posse do objecto amado, claro é que a privação ou a perda desse objecto é a desgraça do amor. Além disto, a ventura suprema de bons verdadeiros amantes consiste na posse um do outro ; alcançada essa posse, ainda privados das riquezas, ainda soffrendo necessidades, acredita-se gostosamente felizes, porque se amão e se gozão ! Em conclusão : se a mais doce e a mais suprema ventura do amor é o gozo do seu objecto ; se a sua mais amarga e mais profunda desgraça é a privação dele, como é possivel que haja quem ame, e que por seu proprio gosto se queira privar das venturas do amor, votando-se às suas desgraças ? ! E uma extraordinaria extravagancia o gostar assim da desgraça....

— Ila ainda maior desgraça que a perda do objecto amado.  
— Qual e ?  
— E' aquella que ambos queremos evitar.  
— Ambos queremos evitar ? !  
— Sim, ambos.  
— Mas eu não sei qual e ...  
— E' o viver pobre.  
— Oh !!!

— De que se admira ?  
— Ah ! então a Sra. Narcisa ama mais as riquezas do que a mim, apesar de dizer que ama-me ?  
— Mais não : mas posso amar o senhor o as riquezas.

— E' impossivel.  
— Qual impossivel....  
— E' impossivel ! Não se pôde sobre o mesmo altar sacrificar a Amor e a Pluto. Não se ama ao mesmo tempo a dous objectos taes.

— Ora, se se ama.... Ama-se a mulher, ou a uma amada ; amão-se os filhos, as riquezas, os livros e a muitas outras cousas ; ama-se a patria, a gloria, etc. : ha logar para tudo, e nenhum dos objectos que amamos fica lesado.

— Ainda bem.  
— Ainda bem o que ?  
— Que a senhora diz que nenhum dos objectos que amamos fica lesado, e eu o sou....

— Como ?  
— Sim , ha diversos gráos de amor ; amamos a varios objectos ; todos esses objectos são amados, nenhum é prejudicado : entre nós porém é tudo o contrario: eu sou amado pela senhora, segundo acabou de dizer ; mas o ouro é mais amado que eu, e tanto que pelo amor do ouro eu sou prejudicado.

— Ora, Sr. Pedro, que sabemos nós do futuro ?  
— Uma cousa.  
— E qual ?  
— Que a senhora casar-se-ha ahi com algum sertanejo, e eu serei desprezado.

— Eu ainda lhe não disse que perdesse as esperanças.... Assim como assim, que fariamos nós em casarmo-nos ?... nós, que somos tão pobres.... ao menos eu ; e o senhor principiando a sua vida....

— Mas ganho com que sustenta-la, e....  
— E' tão pouco, Sr. Pedro....  
— Tão pouco !....  
— Sim, pouco.... Quero mais, muito mais.  
— Quer mais ?.... e que mais ?  
— Ser rica, muito rica.  
— Creio que nunca serei muito rico.  
— Não importa.... Tenha esperanças....  
— No entanto a senhora casará....  
— Não obstante, ame-me sempre.  
— Sempre ?!....  
— Sim....  
— Não posso....

— Mas eu o quero....  
— Narcisa....  
— Eu o exijo.  
— Oh !!!....

Pedro murmurou essa interjeição com o semblante transportado de prazer. Narcisa corou ; e o mancebo, lançando-se a ella, abraçou-a e beijou-a ternamente. A moça não ofereceu a menor resistência a esta effusão, e pouco depois foi para sua horta.

Pedro, vendo-a sahir, exclamou :

— Narcisa, eu te comprehendo.

Pedro tinha talvez dado ás palavras da rapariga uma interpretação mais ampla do que devia. Narcisa, em verdade, amava a Pedro, mas esse amor não tinha ainda tocado ao gráo de uma paixão vehemente ; a cegueira da paixão não tinha ainda cegado sua alma. Amando calma e calculadamente, não tinha ainda medido a orbita do amor, nem pesado os seus quilates, e assim ignorava o de quanto era capaz uma paixão no seu auge. Narcisa ignorava que o facto de uma mulher dar ouvidos a um amante já é um triumpho , porque toda a dificuldade está na primeira declaração ; feita esta, e não repellida, o triumpho é quasi infallivel. Ignorando estas cousas, a rapariga, que amava a Pedro, não se animou a repelli-lo, e, sem nada lhe prometter, disse-lhe que tivesse esperanças ; e esperando ella um casamento rico, acreditava que Pedro se esquoceria della logo que a visse casada com qualquer outro.

Entretanto Pedro não perdia occasião de seduzir e corromper a esta alma ainda nova. Assim se passáro tempos : Narcisa ia a fazer os seus dezasete annos ; suas fórmas se tiuhão completamente desenvolvido : formosa e muito formosa, activa e cheia de orgulho , apresentava agora um rosto muito mais agradavel e um corpo muito mais esvelto ! sua falla era mais doce e tocante , sua linguagem um tanto correcta, seus gestos mimosos e engracados, suas accões graciosas e concertadas, seu ar grave e sisudo, e seu passo nobre e desembaraçado. Esta mulher encantadora revelava á primeira vista uma vaidade illimitavel, uma vontade de ferro e um capricho invencivel.

Pedro sentia-se cada vez mais enleado nos encantos desta perigosa Circe ; e ella, com uma habilidade verdadeiramente admiravel , temperava e modificava os fogos desta paixão criminosa.











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).